



Chito Rodrigues

Presidente da Liga dos Combatentes
diz que a Batalha de La Lys não foi
uma derrota para Portugal

08

Edition

F R A N C E



Banque BCP

Suivez-nous sur



Fadista Ana Lains comoveu em Béthune

Centenário da Batalha de La Lys 11

09

Paris.

As comemorações do Centenário da Batalha de La Lys começaram em Paris, na Avenue des Portugais e no Arco do Triunfo

10

Associações.

A associação Memória Viva organizou uma visita à zona onde os Soldados do Corpo Expedicionário Português combateram

12

Exposição.

Uma exposição de desenho e pintura sobre a participação de Portugal na I Guerra Mundial foi inaugurada em Arras

13

Lille.

O Primeiro Ministro António Costa visitou Lille e encontrou-se com a Maire Martine Aubry que teceu fortes elogios a Portugal



Marcelo e Macron juntos em Richebourg

03

Centenário da Batalha de La Lys



ENEZ DÉCOUVRIR
NOS SOLUTIONS D'ASSURANCE
POUR ENTREPRISES

FIDELIDADE
ENTREPRISES

Fidelidade - Companhia de Seguros, S.A. - Siège : Largo do Calhariz, 30 1249-001 Lisboa - Portugal - NIPC e Matricula 500 918 880, CRC Lisboa - Capital Social 381.150.000 €
Succursale de France : 29, boulevard des Italiens - 75002 Paris - RCS Paris B 413 175 191 - Tél. 01 40 17 67 20 - Fax : 01 40 17 67 29 - www.fidelidade.fr - crédits photo : Fotolia



Opinião de Carlos Pereira, Diretor do LusoJornal

Balanço positivo das comemorações do Centenário da Batalha de La Lys



LusoJornal / Mário Cantarinha

As comemorações do Centenário da Batalha de La Lys foram dignas! A data devidamente comemorada tanto nos eventos em Paris como nos do Norte da França.

A presença do Presidente da República e do Primeiro Ministro nestes eventos impunha-se. E fizeram bem em vir, com tempo, para participar na totalidade do programa das Comemorações.

Implicar o Presidente Macron também teve uma importância fundamental. O trabalho diplomático não devia ter sido fácil para conciliar agendas e para organizar na prática, em tão pouco tempo, estas comemorações.

Mas - há sempre um mas - há qualquer coisa que falhou nestas comemorações. Faltaram ideias e faltou público.

Faltaram ideias

Ao longo dos anos, as comemorações da Batalha de La Lys estavam bem “rodadas”. Sempre se passaram, pelo menos nos últimos 14 anos que as temos acompanhado, praticamente da mesma forma. Uma primeira cerimónia em Richebourg e uma segunda em La Couture.

Se olharmos bem para o programa, este ano - apesar de ser ano de Centenário - não houve inovação. Houve primeiro uma cerimónia em Richebourg e depois uma segunda em La Couture. Não houve nenhuma cerimónia no Cemitério de Boulogne-sur-Mer, nem visita, por exemplo ao Anneau de la Mémoire, não muito longe de Richebourg, onde está a lista dos mais de 2.200 soldados portugueses que morreram durante a Guerra.

Durante anos falaram-nos de uma “Comissão interministerial” e isso induziu-nos em erro. Pensávamos nós que estas comemorações implicariam

não só o setor da defesa e dos negócios estrangeiros, mas também, por exemplo o da cultura e o da educação.

Houve um concerto de Fado em Béthune e uma exposição em Arras. Confesso que soube a pouco. Mas teria eu posto a fasquia demasiado alta?

Há anos que se fala numa ação de massa pelas escolas de português - pelo menos essas - com trabalhos feitos pelos alunos, sendo este o tema dos diferentes Concursos que se realizam em França, com viagens de estudo, com intercâmbios entre escolas,...

Foi fasquia alta demais! Foram convidados alunos das Secções internacionais para cantar os hinos no Arco do Triunfo e foram convidados alunos franceses do Norte para cantarem os hinos em Richebourg. E foi lindo, emocionante até. Mas estava à espera de tantas mais coisas...

Em todas as entrevistas, em todos os debates, nas conversas de corredor, há sempre uma constatação evidente: praticamente não há livros publicados em França que contem a participação dos Portugueses na I Guerra Mundial. Aqui estava uma oportunidade para corrigir esta lacuna, traduzindo livros que existem em Portugal, muitas vezes testemunhos dos próprios soldados, editados logo depois da Guerra, ou obras mais recentes sobre esta temática.

Era fasquia alta demais! E os livros que foram publicados, deveu-se essencialmente a iniciativas individuais, como foi o caso, por exemplo, da publicação do livro de Manuel do Nascimento.

São apenas algumas ideias, que necessitavam de tempo, de meios e sobretudo de vontade política.

Faltou público

A participação do público esteve àquém das expectativas, sobretudo para uma data centenária como esta que agora se comemorou.

A escolha das datas foi fundamental. Pessoalmente tenho criticado, ano após ano, que as comemorações da Batalha de La Lys decorram nas datas de conveniência dos Ministros. Um ano foi no dia 13, outro no dia 20,...

até parece que a Batalha de La Lys foi quando Ministro quis. A segunda-feira não foi a data mais apropriada para comemorar o centenário da Batalha de La Lys. Suponho que houve debate sobre esta questão - ousar esperar que sim. Mas um evento durante o fim de semana, no Norte da França, teria certamente um impacto maior.

Mesmo assim, o facto de organizar um evento em Paris, no domingo, podia ter mobilizado muito mais gente.

Então porque não mobilizou? Porque quatro dias antes das cerimónias, ainda não havia programa oficial. Há que ter em conta que os milhares de Portugueses que moram em França - um milhão e meio como disse o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa - não frequentam os corredores da Embaixada de Portugal. E por isso, os órgãos de comunicação social têm uma importância acrescida para divulgar as informações.

Compreende-se que quem trabalhou no programa o fez com as dificuldades habituais de quem organiza eventos. Há sempre detalhes a resolver, imprevistos a ponderar, alterações de última hora,...

Todos os eventos são assim, e este tem a particularidade de implicar gente com agendas muito carregadas. Mas era importante ter destacado dois ou três eventos e comunicar sobre esses eventos para mobilização da Comunidade.

Há gente que foi de autocarro desde Bordeaux e Viroflay, e há gente que acabou por anular a viagem por desconhecer o programa. Um autocarro não se aluga em algumas horas, uma viagem não se organiza numa semana, e quando há muitas incertezas, o melhor é evitar despesas.

Foi o que aconteceu este ano. Já em anos anteriores as associações organizaram viagens a Richebourg, as escolas levaram alunos,...

este ano, nada disto foi feito. Por outro lado, toda a comunicação foi feita pela negativa. Ou porque era necessário chegar muito cedo, ou porque não era possível estar no evento da avenue des Portugais e no Arco do Triunfo, ou porque não era possível entrar no Cemitério,...

Faltou mobilização

Era tudo muito negativo e acaba por desmotivar muita gente. Para mobilizar público, para fazer deslocar gente, para dar nas vistas, este tipo de eventos tem de ter uma coordenação.

E neste caso, eu - que confesso não estar no segredo dos deuses - não vi coordenação. Eu que até dirijo um jornal com mais de 40 mil leitores, que não foi convocado para nenhuma reunião. Suponho pois, que nenhum dos outros órgãos de comunicação social, o foram.

A certa altura, confesso que fiquei surpreendido por ver o Conselheiro de Paris, Hermano Sanches Ruivo, a convocar uma reunião com alguns dos atores da “Comunidade” para preparação do Centenário. Mas ainda bem que ele o fez, porque tentou colmatar efetivamente uma carência.

No Norte da França, o Comité Franco-Português presidido pelo Cônsul Honorário de Portugal em Lille também foi reunindo para mobilizar gente.

Mas, na minha humilde opinião isto

não chega para mobilizar população.

Balanço positivo

Devemos considerar que o balanço é negativo? Claro que não.

Apenas devemos considerar que podia ter sido melhor.

Fazer obras no Cemitério uma semana antes das cerimónias, foi uma aposta arriscada. Certamente foram feitas tão tarde por causa do “peso” da Administração, mas há 100 anos que sabíamos que o Centenário era em abril de 2018...

Mandar fazer placas metálicas com o nome dos soldados para colocar nas lápides do Cemitério, foi uma boa ideia, mas de trazer as placas um dia antes das cerimónias para Richebourg, só podia dar no que deu: foram colocadas algumas e as outras... serão colocadas depois das comemorações. Mas estes foram detalhes que não estragaram a “festa”.

A Embaixada de Portugal em França está de parabéns por ter conseguido este diálogo com as autoridades francesas e sobretudo por ter conseguido implicar o Elysée nas comemorações do Centenário.

O Office de Tourisme de Béthune e Bruay está de parabéns pelo programa que realizou - atempadamente - e pelos meios que disponibilizou para o realizar. Aurore Rouffelaers foi uma peça importante nestas comemorações e ousar esperar que Portugal se lembre disso...

Quanto ao LusoJornal, foram publicados dezenas de textos sobre o Centenário. Falámos do assunto exaustivamente, como tem acontecido desde abril de 2005, onde pela primeira vez fizemos a cobertura das comemorações, em Richebourg e em La Couture. Desde então, nunca mais estivemos ausentes.

Mas este ano foi especial!

➔ Em Paris, Richebourg, La Couture, Arras e Lille

Dois dias de comemoração intensa

Por Carlos Pereira

As comemorações do Centenário da Batalha de La Lys tiveram lugar no domingo passado e na segunda-feira. Primeiro em Paris e depois no Norte da França.

Em Paris, as comemorações tiveram lugar na Avenue des Portugais, uma perpendicular à Avenue Kléber, a dois passos dos Champs Elysées.

O Conseil de Paris deu-lhe este nome em homenagem aos soldados Portugueses que combateram na I Guerra mundial, antes mesmo do fim da Guerra, já que a decisão foi de julho de 1918.

Por iniciativa de Georges Viaud, o historiador que criou e preside o Núcleo de Paris da Liga dos Combatentes, uma nova placa foi descerrada, mas só será colocada no Hotel Raphael, que atualmente está em obras.

Seguiu-se o reanimar da chama ao soldado desconhecido no Arco do Triunfo. Marcelo Rebelo de Sousa, acompanhado pelo Primeiro Ministro António Campos e pela Maire de Paris, presidiu à cerimónia que tem lugar todos os dias do ano, às 18h30, de homenagem ao soldado desconhecido.

Também estava presente Geneviève Darrieussecq, a Secretária de Estado francesa da Defesa. «Esta é uma Guerra internacional, que teve lugar em solo francês, mas que viu combater juntos Ingleses, Australianos, Chineses, Portugueses claro, Canadianos, Neozelandeses e até Americanos, no fim da Guerra. Vieram para combater, alguns de muito longe» disse ao Luso-Jornal a Secretária de Estado da Defesa.

«Esta história da Grande Guerra é relativamente complexa, e com todos estes intervenientes, este Centenário foi uma verdadeira ocasião para que cada um se aproprie desta história. E eu acho que este centenário é uma excelente ocasião para que cada um se aproprie desta história. E eu acho que



📷 LusoJornal / Mário Cantarinha

isto é uma grande coisa».

Na segunda-feira foi o dia das maratonas.

Começou logo de manhã quando o Presidente Emmanuel Macron convidou Marcelo Rebelo de Sousa e António Costa, para um pequeno almoço no Elysée. Depois seguiram os três no mesmo helicóptero de Paris para o Cemitério Militar Português de Richebourg.

A Batalha de La Lys decorreu no dia 09 de abril de 1918 e resultou de um intenso ataque alemão contra as forças aliadas, nas quais os Portugueses estavam integrados. O confronto na Batalha de La Lys fez mais de 7.000 baixas portuguesas entre mortos, feridos e 6.600 prisioneiros, sendo um

dos mais mortíferos da história militar de Portugal.

Houve obras recentes no Cemitério. Foram arrancadas as placas que estavam no muro de fundo do cemitério e serão posteriormente colocadas no muro da entrada. Foram pintados todos os muros e colocadas umas placas de metal, com o nome dos soldados, coladas por cima das lápides atuais, porque em algumas pedras já não se percebe o nome dos soldados que aí estão sepultados.

Os hinos foram cantados por crianças das escolas daquela zona, na presença de várias personalidades e convidados. Além do Presidente e do Primeiro Ministro, estavam presentes o Ministro da Defesa Nacional, José Azeredo Lopes,

e o Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas, Almirante António Silva Ribeiro. O Chefe do Estado-Maior da Força Aérea, General Manuel Teixeira Rolo, e o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Frederico Rovisco Duarte, também integraram a comitiva.

Participam ainda o Presidente da Comissão Parlamentar de Negócios Estrangeiros e Comunidades Portuguesas, Sérgio Sousa Pinto (PS), o Presidente da Comissão Parlamentar de Defesa Nacional, Marco António Costa (PSD), assim como os Deputados Carlos Gonçalves e Berta Cabral (PSD), Paulo Pisco e Paulo Trigo Pereira (PS), João Vasconcelos (BE), Telmo Correia (CDS-PP) e Carla

Cruz (PCP).

O Secretário de Estado da Defesa Nacional, Marcos Perestrello, o Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada, Vice-Almirante Jorge Novo Palma, o Presidente da Liga dos Combatentes, Tenente-General Chito Rodrigues, e o Presidente da Comissão Coordenadora das Evocações do Centenário da Primeira Grande Guerra, Tenente-General Mário Cardoso, marcaram presença nas cerimónias.

Após as evocações no Cemitério, a comitiva visitou a exposição «Racines», de Aurore Rouffelaers, bisneta do soldado português João Assunção, que esteve nas trincheiras, e baseada em depoimentos de descendentes.

Foram agraciados com a Medalha de Defesa Nacional três cidadãos residentes em França e dirigentes da Liga dos Combatentes: Felícia d'Assunção Pailleux, Afonso Maia a título póstumo e João Marques.

Da parte da tarde, o Presidente da República e o Primeiro Ministro visitam a igreja da cidade de La Couture, onde está exposto o «Cristo das Trincheiras» e um fresco sobre a Batalha de La Lys, e prestam homenagem aos militares no monumento aos portugueses mortos na Primeira Guerra Mundial.

De seguida, já sem a presença do Chefe de Estado, o Primeiro-Ministro partiu para a cidade de Arras, onde inaugurou a exposição «Portugal au front: visions d'artistes (1918-2018)», patente no Museu das Belas Artes, que junta obras do pintor oficial de guerra português presente na frente de batalha, Adriano de Sousa Lopes, e os artistas contemporâneos Daniel Barroca e Alexandre Conefrey.

O programa encerrou em Lille, com a inauguração de uma exposição alusiva à Primeira Guerra Mundial «Le Portugal et La Grande Guerre».

Mesmo assim, no dia 10, antes de seguir para Londres, o Primeiro Ministro ainda visitou a empresa portuguesa Simoldes, instalada na região de Lille.

Dever de memória dos mortos na Grande Guerra reuniu portugueses em Richebourg

Por Zélia Oliveira, Lusa

O Cemitério português de Richebourg, norte de França, encheu-se de emigrantes e descendentes de Portugueses que participaram na Primeira Guerra Mundial e que querem prestar tributo aos mortos na Batalha de La Lys, ocorrida há 100 anos.

Álvaro Afonso Catarino, 49 anos, sobrinho de um soldado que combateu nesta região francesa, disse à Lusa que vai assistir à cerimónia «por dever de memória» para com os que morreram.

O lusodescendente, que nasceu em França e que reside em Lille, afirmou que as cerimónias do Centenário da Batalha são «muito importantes para que não se esqueça o que aconteceu».

«Prefiro falar de paz e venho aqui agradecer aos que faleceram para que hoje tenhamos paz», disse por seu lado Luisa Marrucho, 55 anos, a viver desde pequena em França. «Não sei

se o meu avô participou nesta batalha mas é muito importante participar nas cerimónias porque temos a sorte de estar em paz», comentou enquanto esperava a chegada dos Presidentes português e francês, à entrada do Cemitério no espaço reservado à população e junto ao ecrã gigante onde serão transmitidas as cerimónias.

Também o artista Pedro Amaral, da dupla Borderlovers, participou na homenagem depois de ter recebido a garantia da Embaixada de Portugal em França, que os quadros alusivos à Primeira Guerra Mundial que criou para oferecer a Marcelo Rebelo de Sousa e a Emmanuel Macron vão ser entregues, ainda que não saiba quando. A oferta foi aceite e vai ser entregue. «São dois trabalhos gémeos que se chamam 'O Fim de Todas as Guerras - La Fin de Toutes les Guerres' e surgiram de um impulso meu e do Ivo Bassanti de nos associarmos às comemorações na sequência do trabalho que temos feito de cruzamento das

culturas francesa e portuguesa. Foi mesmo a vontade de oferecer, pelos nossos homens aqui e todos nós», contou o artista à Lusa, durante a passagem no controlo de segurança para aceder à rua que leva ao cemitério. No dia em que passam 100 anos de Batalha de La Lys, tal como em 1918, a manhã está coberta de nevoeiro. No interior do cemitério, reservado aos convidados, centenas de pessoas concentravam-se junto ao memorial. Situado a cerca de 230 quilómetros a norte de Paris e com uma capela de Nossa Senhora de Fátima em frente, este é o maior cemitério militar português na Europa. Reúne as campas de 1.831 soldados lusos e nasceu da transferência, entre 1924 e 1938, dos corpos de soldados que estavam em vários cemitérios em França, na Bélgica e na Alemanha.

O cemitério, sob jurisdição do Estado português e alvo de obras de renovação para o centenário da batalha, tem, além da bandeira de Portugal, várias

referências simbólicas, como o escudo nacional, a cruz latina ou um altar de pedra onde estão inscritas as regiões portuguesas - Algarve, Alentejo, Beira Baixa, Beira Alta, Minho, Douro e Trás-os-Montes.

O espaço funerário integra uma lista de locais memoriais da Grande Guerra que é candidata a Património Mundial da UNESCO.

A Batalha de La Lys iniciou-se na madrugada do dia 09 de abril de 1918, sob nevoeiro intenso que se misturava com os gases tóxicos e o ribombar da artilharia alemã contra as forças aliadas, nas quais os Portugueses estavam integrados.

O confronto na Batalha de La Lys fez mais de 7.000 baixas portuguesas entre mortos, feridos e 6.600 prisioneiros, sendo um dos mais mortíferos da história militar de Portugal.

Os militares portugueses que combateram na Europa (cerca de 50.000) chegaram a França no início do ano de 1917. A Primeira Guerra Mundial,

que começou em 1914, terminou em novembro de 1918 com a vitória dos aliados.

Os Chefes de Estado de Portugal e de França presidiram na segunda-feira, no cemitério militar de Richebourg, ao ponto alto das celebrações do centenário da Batalha de La Lys.

De acordo com o programa das cerimónias, foi descerrada uma placa evocativa do centenário da batalha, seguindo-se os discursos dos dois Chefes de Estado e um tributo aos que perderam a vida na Primeira Guerra Mundial.

Após as evocações no cemitério, a comitiva visitou a exposição «Racines» (Raízes), de Aurore Rouffelaers, bisneta do soldado português João Assunção, que esteve nas trincheiras, e baseada em depoimentos de descendentes.

Foram ainda agraciados com a medalha de Defesa Nacional três cidadãos residentes em França e dirigentes da Liga dos Combatentes.

➔ No quadro do Centenário da Batalha de La Lys, dia 9 de abril de 2018

Discurso do Presidente Marcelo Rebelo de Sousa no Cemitério Militar Português de Richebourg



LusoJornal / Mário Cantarinha

Monsieur le Président de la République française, Cher Ami, Senhor Primeiro Ministro, Madame la Ministre de la Défense, Senhor Ministro da Defesa Messieurs les Ambassadeurs, Senhor Chefe do Estado Maior das Forças Armadas, Almirante Silva Ribeiro Senhor Chefes do Estado Maior, Senhoras Presidentes das Comissões parlamentares, Messieurs les Députés, Senhoras Deputados, Monsieur le Préfet, Monsieur le Maire, Senhor Presidente da Liga dos Combatentes, Senhor Presidente da Comissão de coordenação do Centenário, Minhas senhoras e meus senhores, Chers amis,

Foi aqui, há 100 anos, que a 2ª divi-

são do Corpo Expedicionário Português foi dizimada por 8 divisões do 6º exército alemão. Eram 20.000. Os atacantes eram mais de 50.000.

7.000 de entre os nossos combatentes foram mortos, feridos ou feitos prisioneiros. Tudo se passou em menos de 8 horas. Viveu-se o nosso maior luto militar desde Alcácer Quibir, no norte de África, em 1578.

Nesse dia, tragicamente inesquecível, de que este cemitério é testemunha silenciosa mas impressionante, um de entre outros tantos heróis permaneceu, qual lenda, de modo particular na nossa memória. Chamava-se Aníbal Augusto Milhais. Ficou conhecido como o Soldado Milhões.

Foi o único soldado raso a receber até hoje a mais elevada condecoração portuguesa, a Ordem Militar da Torre e Espada no valor Lealdade e Mérito, entregue em pleno campo de batalha, por um corajoso Chefe militar, futuro

Presidente da República portuguesa, o Marçal Manuel Gomes da Costa. Ficou história e lenda, como símbolo dos nossos melhores, aqui tombados em 9 de abril de 1918, a lutarem por Portugal, pela sua pátria, pela sua gente, pela sua terra, à época pelo seu império.

Mais également pour la France - cette autre patrie qu'ils ne connaissaient pas, où ils étaient arrivés après une année agitée. Eux qui étaient âgés de 25 ans et qui comprenaient à peine le monde qui les entourait.

Sans le savoir, ils luttaient pour une autre patrie, berceau du père de notre premier roi. Patrie qui, un demi-siècle plus tard, allait être aussi celle de plus d'un million de compatriotes et leurs descendants, scellant à jamais une fraternité.

Sans le savoir, ils luttaient et mouraient pour un avenir différent, pour le

Portugal, pour la France, pour notre amitié inébranlable et pour l'Europe elle-même. Car ils luttaient pour la paix, qui allait mettre du temps à s'établir de façon durable, et qui est désormais le fondement de la démocratie, du progrès, de la justice en Europe et dans le monde.

C'est cette même paix qu'Arnaud Beltrame a défendu, il y a quelques semaines, lors de l'attentat qui a aussi frappé un des nombreux portugais qui aiment la France comme leur seconde patrie.

C'est cette même paix qui nous unit en Europe, aussi bien contre le terrorisme sans État, que contre le terrorisme d'État.

Oui, l'Europe divisée, blessée, presque détruite en 1918 est devenue, 40 ans après, un projet d'espoir. Mais à quel prix? Elle devrait encore subir la tragédie du fascisme, du nazisme, du totalitarisme, une deuxième guerre.

Un siècle plus tard, apprenons les leçons de cet enfer européen. Bâtitsons ensemble une autre Europe, de la liberté, de l'égalité, de la fraternité des peuples, sans frontières, sans haine, sans exclusion ni intolérance et affirmons-nous dans le monde pour les valeurs humanistes et vraiment réformatrices et progressistes.

Par mes mots, le Portugal remercie le Président de la République française, oui Cher Ami, pour ce touchant et inoubliable geste de gratitude fraternelle et inconditionnelle solidarité.

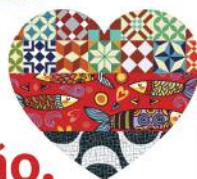
Portugal, pela minha voz, agradece a estes bravos, pelo seu sacrifício supremo. Aqui, em França, como em África, em Angola, em Moçambique, por terra, mar e ar. Esse sacrifício não foi em vão. Dele também se fez a glória de Portugal, a vitória da França e o futuro da Europa.

Vive la France. Viva Portugal.

• PUB

PORTUGUESES
RESIDENTES NO ESTRANGEIRO

**A sua casa
é onde está
o seu coração.**



Connosco **sente-se em casa**



Conheça as nossas **Soluções de Crédito Habitação** para si.

Paris:
28, RUE 4 SEPTEMBRE
75002 PARIS
Telephone: 0 33 140 06 04 88
e-mail: erparis@santandertotta.pt

Lyon:
32, AV. JEAN JAURÉS
69007 LYON
Telephone: 0 33 478 92 42 50
e-mail: erlyon@santandertotta.pt

 **Santander Totta**

➔ Pour le Centenaire de la Bataille de La Lys, le 9 avril 2018

Le discours du Président Macron au Cimetière Militaire Portugais de Richebourg

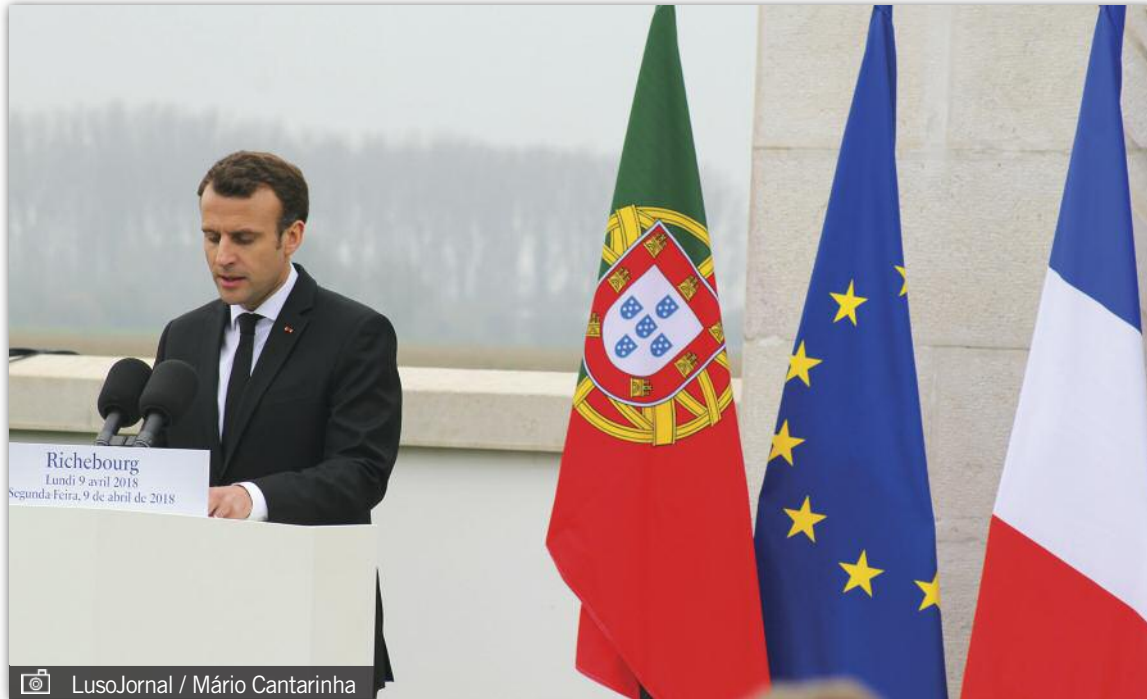
Monsieur le président de la République portugaise, Cher Marcelo, Monsieur le Premier Ministre, Cher António, Monsieur le Ministre de la Défense, José Alberto de Azeredo Lopes, Madame la Ministre, Monsieur le Chef d'État-Major des Forces Armées portugaises, Amiral, Messieurs les Chefs d'État-Major, Monsieur le Préfet, Mesdames et Messieurs les Parlementaires, Monsieur le Président du Conseil départemental, Monsieur le Maire, Mesdames et Messieurs les élus, Monsieur le Président de la Ligue des anciens combattants, Monsieur le Président de la Commission portugaise de commémoration du Centenaire, Chers amis,

Il y a 100 ans, jour pour jour, le 9 avril 1918, les premiers obus de la Bataille de La Lys éventaient de nouveau la terre des Flandres. Et de nouveau cette terre, grevée de sang et de larmes, livrait à la folie répétée des temps une funeste moisson. Et ce n'est pas tant le sang des ennemis d'alors que celui des amis de toujours, qui a alors abreuvé les sillons de la Lys.

Des centaines de soldats portugais ont péri durant cette journée, en livrant courageusement une bataille inégale qui opposait 20.000 des leurs à plus de 50.000 Allemands qui saisissaient là leur dernière chance de remporter la guerre avant l'arrivée des renforts venus des États-Unis pour grossir les rangs des Alliés.

Ce sont au total 7.000 soldats portugais qui ont été tués, blessés ou faits prisonniers en cette seule journée noire, la plus meurtrière de la Grande Guerre pour votre peuple.

Cela fait de cette Bataille de La Lys l'équivalent pour les Portugais de la Bataille de Verdun pour les Français. A travers le souvenir de cette bataille, c'est la mémoire de tous les soldats portugais qui ont combattu auprès des forces Alliées en France, mais



aussi en Angola et au Mozambique, que nous honorons aujourd'hui. C'est la mémoire de tous ces jeunes hommes que vous avez à l'instant rappelée et de ces noms qui sont aujourd'hui parmi vous, ici, parce que nous n'oublierons jamais ce pourquoi ils sont morts.

Ce cimetière où reposent près de 2.000 soldats portugais morts sur le sol de France, ainsi que le Monument de La Couture, manifestent la reconnaissance du peuple français et de l'ensemble des Alliés à l'égard du peuple portugais qui a consenti un douloureux effort et payé un lourd tribut pour se battre à nos côtés.

Comme d'autres, cette nécropole fait sentir dans l'espace l'abjecte mesure de la violence dans laquelle l'Europe s'est abîmée au cours d'une guerre qui nous apparaît aujourd'hui d'autant plus absurde que nous la voyons avec nos yeux européens comme une guerre civile, si douloureusement fratricide.

Si nous sommes ici à Richebourg, c'est donc aussi pour réitérer le vœu que plus jamais un Européen n'ait à prendre les armes et à tuer son voisin,

que plus jamais les peuples et les nations d'Europe n'aient à s'affronter dans des guerres intestines.

Aujourd'hui ce cimetière est un symbole d'amitié et de solidarité européenne et non de rancœurs nationalistes. Venger nos morts par d'autres morts, les racheter par de nouveaux sacrifices n'a fait que prolonger l'horreur et nous a conduits à la plus grande catastrophe qu'ait jamais connue l'humanité.

Heureusement, nous avons su après 1945 ne pas répéter les erreurs commises après 1918. Après être allés au bout de la nuit, au bout de la folie, au bout de la violence, nous avons su enfin tirer des leçons de l'Histoire et faire preuve de sagesse.

Nous avons su construire la réconciliation au lieu de nourrir l'amertume, les rancœurs et le goût de la revanche. Nous avons su tendre et saisir des mains, construire des relations non plus de rivalité et de compétition, mais de fraternité et de coopération. Nous avons su nous unir.

Depuis lors, c'est sur le socle solide de ces valeurs que nous avons fondé

l'Europe et ce sont ces valeurs que nous aspirons aujourd'hui encore à défendre et à approfondir.

100 ans après, le contraste entre l'Europe de 1918 traumatisée par quatre années d'une guerre jusqu'alors sans commune mesure, amputée de sa jeunesse, et celle de 2018, démocratique, en paix depuis plus de 70 ans, doit exalter nos convictions et nos ambitions européennes.

Nous n'avons pas le droit de nous habituer à cette Europe dans laquelle nous vivons, comme si elle était de nature, comme si elle n'était pas justement le fruit de ce que nous avons su construire à travers le temps, comme si elle n'était pas le fruit de ce sang versé.

Et ceux qui pensent aujourd'hui qu'on pourrait faire bégayer notre histoire en recréant, au sein de notre Europe, des tensions, le nationalisme, le drame, ont une bien triste mémoire de ce sang qui a coulé.

Et au moment où l'Europe doute d'elle-même, au moment où certains de ces peuples expriment leur peur de l'avenir en remettant leur sort entre les mains de dirigeants qui se nourrissent

de l'angoisse, ce sont ces accomplissements qu'il faut rappeler, qu'il faut saluer, qu'il faut poursuivre.

C'est la paix que nous avons bâtie et consolidée, les liens féconds que nous avons noués, ces principes d'entraide et de solidarité que nous avons institués et qui nous sont mutuellement bénéfiques, qu'il nous faut défendre et toujours promouvoir.

L'Europe est perfectible, nous le savons. L'Europe doit faire l'objet de réformes, nous y travaillons et nous y travaillons en étroite coopération avec le Portugal sur de nombreux projets de la plus haute importance. Nous y travaillons avec l'ensemble de nos alliés des pays frères, ici représentés par leurs ambassadeurs.

Et nous avons cette amitié entre nos deux pays, entre le Portugal et la France, cette amitié profonde, solide, cimentée par les milliers de Portugais et de Français d'origine portugaise, dont l'énergie et le travail chaque jour fortifient notre nation, cimentée par ce sang versé par ces jeunes hommes venus défendre notre liberté, déjà notre Europe, par ces décennies faites en commun, et toutes ces femmes et ces hommes qui ont décidé de construire ensuite leur avenir et leur famille entre nos deux pays, comme autant de ponts jetés.

La France et l'Europe de 2018 peuvent se regarder dignement au miroir de 1918. Notre fierté européenne doit s'enraciner dans ce chemin parcouru, jalonner des progrès multiples de la paix, de la prospérité, de la liberté. Nous devons continuer à faire de l'Europe le rêve d'un continent qui a vécu un cauchemar et qui n'y repense qu'en tremblant; notre passé commun nous confirme que la direction qu'il nous faut continuer de prendre est celle d'un avenir partagé.

Nous le devons à notre histoire, nous le devons à nos morts, mais nous ne devons surtout, cher Marcelo, cher António, comme frères d'Europe, à notre jeunesse.

Alors vive le Portugal, vive la France et vive l'amitié entre le Portugal et la France.

• PUB

PORTUGAL

A DAR VOZ AO NOSSO CORAÇÃO



COM TODA A CONFIANÇA TRANSFIRA AS SUAS POUPANÇAS

No Santander Totta sabemos que para si Portugal está sempre presente. Por isso colocamos à sua disposição as nossas soluções de poupança com transferências internacionais cómodas e seguras - para que as suas poupanças possam seguir o seu coração.



 **Santander Totta**

Informe-se em santandertotta.pt

➔ No quadro do Centenário da Batalha de La Lys

Discurso do Primeiro Ministro em La Couture

Nous commémorons aujourd'hui le Centenaire de la Bataille de La Lys, le moment le plus dramatique et meurtrier de la participation du Portugal à la Grande Guerre de 14-18.

Dans ce lieu de martyrs et devant ce monument qui évoque le sacrifice, nous leur rendons hommage, ainsi bien qu'à tous ceux qui ont lutté à leur côté pendant ce terrible conflit.

Cent ans après cet événement, nous célébrons la paix et la réconciliation entre les peuples européens et leur volonté de bâtir ensemble un avenir commun.

Tout à l'heure, le Président de la République française, Emmanuel Macron, nous a fait l'honneur de se joindre à nous au Cimetière de Richebourg, pour cet hommage. Je voudrais lui témoigner de ma profonde reconnaissance pour ce geste d'amitié envers le Portugal, qui nous a beaucoup touchés.

Evoquer ces jours, c'est ramener à la mémoire les faits et les sacrifices de nos ancêtres. C'est rappeler l'histoire, c'est regarder le présent et penser à l'avenir, à la lumière des horreurs passées.

Au moment où nous évoquons la contribution du Corps Expéditionnaire Portugais, je veux également remémorer et rendre hommage à l'énorme sacrifice et à l'effort surhumain que la guerre a exigé de la France et de la Grande Bretagne, et de nous tous, leurs Alliés et laisser un mot de profond respect à tous ceux qui sont morts dans ce terrible conflit.

Les Portugais ont, eux aussi, souffert dans le corps et dans l'âme la violence de cette guerre meurtrière, cruelle dans sa stratégie, inhumaine dans les combats, aussi bien en Afrique que dans les champs de ba-



LusoJornal / Mário Cantarinha

taille en Europe.

Ce fut ainsi ce 9 avril 1918 dans la vallée de La Lys où se trouvait le front occupé par le Corps Expéditionnaire Portugais. C'est une date qui restera à jamais inscrite dans notre mémoire et un jour qui a justement été consacré comme la Journée du Combattant, occasion à laquelle nous évoquons tous ceux qui ont perdu la vie dans leur devoir de servir le Portugal.

Permitam-me que dirija umas palavras em português às Forças Armadas Portuguesas, especialmente àqueles aqui presentes hoje, dignos herdeiros de uma tradição militar que, ontem como hoje, muito honra Portugal.

Ao evocar os combatentes de há 100 anos, homenageamos as nossas Forças Armadas e reafirmamos o compromisso de Portugal com aqueles que hoje servem Portugal como militares. Na memória e no sacrifício dos antigos

combatentes, transmitimos às gerações mais jovens, que felizmente não conheceram os horrores da Guerra, uma mensagem de esperança e de encorajamento na defesa da paz.

Mas quero aqui também deixar uma palavra, a todas as Portuguesas e a todos os Portugueses que aqui, em França, nasceram, ou que para aqui vieram na esperança de construir um futuro de prosperidade, que não encontravam na nossa pátria.

A vossa presença em França tem contribuído para engrandecer a França, mas tem sobretudo contribuído para prestigiar Portugal.

Por onde cada um de vós está está um pouco de todos nós.

Mesdames et Messieurs, Sur les lignes des deux Guerres mondiales, l'Europe s'est consacrée à la construction de l'Union des Nations, engagée à promouvoir la paix, renfor-

cer la solidarité entre les peuples, dans le respect de l'identité de chacun, et à assurer à tous, hommes et femmes, la liberté et la justice.

C'est là l'Europe avec laquelle nous nous identifions et cette Europe là que nous voulons continuer à construire.

L'Union européenne que nous avons érigée le long de ces soixante dernières années, a pour idéal la construction d'une communauté fondée sur les valeurs de la meilleure tradition européenne: la démocratie, l'égalité et le respect de la loi et des droits humains.

Le Portugal et la France œuvrent côte-à-côte à ce dessin historique, solidaire dans les armes, partenaires au sein de l'Union européenne et de l'Alliance Atlantique. Unis par de profonds liens historiques et culturels, nous continuons au XXI siècle, à approfondir une amitié qui dépasse de beaucoup les relations entre les Gouvernements,

jusqu'à se fondre par les liens de sang entre ses peuples.

Les liens entre nos deux pays se sont renforcés par le biais de l'immigration de centaines de milliers de Portugais vers la France. Qui sont partie intégrante de la société française, sans pour autant avoir renoncé ou oublié leurs origines.

De nos jours, beaucoup d'entreprises françaises investissent au Portugal et de plus en plus de Français découvrent notre pays - un mouvement qui nous réjouit beaucoup.

Ces liens croissants entre nos peuples, constituent la meilleure garantie que notre amitié perdurera sans jamais cesser de s'approfondir.

Aujourd'hui, comme il y a cent ans, le Portugal s'engage avec un profond sens de devoir envers l'humanité, à contribuer à la paix et à la sécurité collective, engageant ses Forces Armées dans le cadre des missions des Nations Unies, de l'Union Européenne et de l'OTAN, dans des nombreuses zones de conflit.

C'est le cas, par exemple, de la République Centre-Afrique, en réponse à une demande de la France après l'ignoble attaque terroriste qu'elle a subi à Paris en 2015.

Là, et dans d'autres théâtres d'opération dans le monde, les combattants portugais continuent à servir et à faire honneur à leur pays, dans la lutte sans relâche pour la dignité de la personne humaine, la liberté et la justice.

Tous, ceux d'hier comme ceux d'aujourd'hui, sont créanciers de notre profond respect et de notre gratitude. Une place du premier rang de notre histoire leur est due.

Dans ce lieu de mémoire, je m'incline respectueusement devant eux.

Merci beaucoup.

Medalha da Defesa Nacional para 3 Portugueses

Por Carina Branco, Lusa

Três dirigentes da Liga dos Combatentes foram distinguidos com a Medalha da Defesa Nacional, em Richebourg, incluindo a filha e um neto de soldados portugueses que combateram na Primeira Guerra Mundial.

A primeira medalha foi colocada pelo Presidente português, Marcelo Rebelo de Sousa, a Felícia Glória d'Assunção Pailleur, enquanto a segunda medalha foi entregue pelo Primeiro-Ministro, António Costa, a Virgínia e Frédéric Maia, filhos de Afonso da Silva Maia. A terceira condecoração foi colocada a João Marques pelo Ministro da Defesa Nacional, José Azeredo Lopes.

Felícia Glória d'Assunção Pailleur, 92 anos, é a terceira de 15 filhos de um soldado português que se apaixonou por uma francesa durante a Primeira Grande Guerra.

A Presidente do Núcleo de Lillers da Liga dos Combatentes é também porta-voz da Liga dos Combatentes há quatro décadas e tem levado a bandeira de Portugal para as cerimónias anuais no Cemitério Militar Português de Richebourg e no monumento aos mortos em La Couture, no norte de França.

O seu pai, João Manuel da Costa Assunção, era oriundo de Ponte da



LusoJornal / Luís Gonçalves

Barca, foi para França por causa da guerra mas ficou por amor, «um amor à primeira vista», contou a filha à Lusa.

Felícia Pailleur nasceu portuguesa em França, mas foi naturalizada francesa aos quatro anos quando o pai adquiriu a nacionalidade francesa para poder abrir uma oficina de bicicletas. Em 2004, pediu e obteve a nacionalidade portuguesa, mas nunca aprendeu a língua por imposição da mãe, porque «todas as pessoas da aldeia queriam que os Portugueses partissem».

Afonso da Silva Maia, neto de um soldado português, foi condecorado a título



LusoJornal / Luís Gonçalves

póstumo, tendo morrido em agosto de 2017, com 69 anos. Deixou uma importante coleção sobre a Primeira Guerra Mundial que conta com livros, mapas, fotografias, objetos variados e mais de 150 cartas e postais trocados entre soldados, namoradas e famílias.

Delegado da Liga dos Combatentes para o Centenário da Grande Guerra, o português que nasceu em Paços de Ferreira, dedicou grande parte da sua vida a estudar o Corpo Expedicionário Português (CEP) depois de ter descoberto que o avô tinha estado na guerra das trincheiras.



LusoJornal / Luís Gonçalves

O interesse foi ainda maior quando descobriu que o seu avô tinha estado com o CEP na localidade onde ele próprio vivia e começou a tentar identificar os lugares da presença portuguesa a partir das imagens de guerra do fotógrafo oficial das tropas portuguesas, Arnaldo Garcez.

Com a coleção de Afonso Maia, Aurore Rouffelaers, bisneta de soldado João Manuel da Costa Assunção e neta de Felícia Pailleur, criou a exposição «Amores Suspensos», que inaugurou este sábado e está patente até 06 de maio na cidade de Vieille-Chapelle, com várias cartas e postais portugue-

ses que contam os «amores colocados entre parêntesis» devido à guerra, explicou à Lusa Aurore Rouffelaers.

João Marques é Presidente do núcleo de Richebourg da Liga dos Combatentes e Presidente da associação União Franco-Portuguesa de Richebourg desde 1990, tendo ajudado na organização das comemorações evocativas do CEP no Cemitério de Richebourg e no monumento aos mortos de La Couture nos últimos 28 anos.

O português, oriundo da localidade de Marinhais, tem 69 anos e vive em França há 50 anos, tendo sido um tio guarda do Cemitério Militar Português de Richebourg que lhe despertou o interesse pela manutenção do local onde estão enterrados 1.831 soldados lusos mortos na Grande Guerra. Através da associação, João Marques tem ajudado pessoas que aparecem à procura de familiares que participaram na Primeira Guerra Mundial. «Ajudamos muitas famílias a encontrar os familiares. Ainda na sexta-feira ligaram-me do Luxemburgo a perguntar por um familiar e encontrámos. Isso acontece muitas vezes», contou à Lusa João Marques, que tem um velho caderno com a relação dos militares sepultados no Cemitério de Richebourg.

→ Cérémonies du centenaire de la Bataille de La Lys

Réflexions entendues et sentiments dévoilés



LusoJornal / Mário Cantarinha



LusoJornal / Mário Cantarinha



LusoJornal / Mário Cantarinha



LusoJornal / Mário Cantarinha

Par António Marrucho

Avant que les cérémonies du Centenaire de la Bataille de La Lys commencent au Cimetière Militaire Portugais de Richebourg, nous avons questionné quelques uns des présents pour LusoJornal.

Le jeune Hugo, un des enfants de l'école de Vieille Chapelle qui a chanté les hymnes du Portugal et de la France, à la question qu'on lui a posée sur l'importance d'être là et de participer à ces cérémonies, il nous a répondu: «il est important que nous soyons là pour honorer les soldats portugais qui ont fait la Guerre. C'est bien de ne plus être en guerre et de ne plus avoir de morts. Avec une autre classe, nous avons appris l'hymne national du Portugal».

Manuel Freitas, artisan et faisant partie du groupe Vivências do Minho de Tourcoing nous parle avec une certaine fierté d'être là. «Je connais ce Cimetière depuis l'âge de 14 ou 15 ans. À l'époque mon père, quand il rentrait du travail, il écoutait la radio. Il y avait une émission en portugais d'une demi-heure, c'est dans cette émission que j'ai pour la première fois

entendu parler de ce Cimetière. Je suis là pour la troisième fois» dit-il au LusoJornal.

«J'ai quitté le Portugal à l'âge de 7 ans et je me rappelle de l'histoire racontée par un poilu portugais du village: il avait un ami qui n'a pas voulu mettre de masque lors d'une attaque par du gaz. Il en est mort. Ça me tient chaud au cœur qu'on rende hommage aujourd'hui à nos valeureux soldats, 100 ans après la fin de la Guerre». Habituellement Sandra Gonçalves est de l'autre côté de la barrière, aidant à l'organisation et au déroulement des cérémonies annuelles. «Cela fait 20 ans que je suis présente et j'aide par mes loyaux services. L'année dernière j'ai reçu cette médaille en guise de remerciements. Mon père, cela fait des années, ainsi que toute la famille, qui fait partie de l'Association Portugaise de Richebourg. Il est le porte-drapeau de l'association. Comme vous voyez il a sa main bandée. Malgré le fait d'avoir coupé un bout d'un doigt il a tenu à porter le drapeau. Ma mère et moi, tous les ans nous servons le repas qui suit les cérémonies. Il est important d'honorer les soldats qui

ont contribué pour notre liberté. Avec la médiatisation tant en France qu'au Portugal des cérémonies de cette année, il y a quelque chose qui est en train de changer dans les consciences».

José Pereira, de l'Association Socio-Culturelle des Anciens Combattants des ex-Colonies Portugaises de Roubaix a commencé par nous dire qu'il y a 21 ans qu'il est présent dans cette cérémonie et qu'il regrette et ne comprend pas que d'anciens combattants ne puissent pas arriver jusqu'au Cimetière. «Ils n'ont pas pu passer, ils sont à un, voir deux kilomètres du Cimetière» explique-t'il au LusoJornal. «C'est incompréhensible ce qui se passe, alors qu'ils ont combattu pour l'Armée portugaise. C'est important qu'on soit là ce jour pour honorer tous les valeureux soldats portugais qui ont combattu pour la liberté que nous avons aujourd'hui, eux qui ont donné leur vie pour qu'on soit libres. La jeunesse c'est notre avenir, je suis content de voir ici aujourd'hui beaucoup de jeunes. J'espère qu'ils prendront le relevé pour continuer ce type de cérémonies. Il ne faut pas qu'on oublie».

Já João Pereira, du haut de ses 89 ans, il est venu avec l'Association des Combattants de Torres Novas. Malgré son âge il est resté pendant toute l'attente et durant la cérémonie debout, fier et ému d'être là. Parfois la réalité et la légende peuvent se mélanger, il a toutefois un souvenir précis, à plusieurs occasions de notre conversation, la larme lui est venue à l'œil. À la fin de la cérémonie il a pris son téléphone pour probablement entrer en contact avec les siens qui sont restés au pays.

Il nous raconte l'histoire de son père, João Francisco Rosa, qui avait 23 ans quand il a embarqué pour terres de Flandres. «Mon père était le télégraphiste de service quant l'attaqué a eu lieu. Il était dans les tranchées, un peu à l'arrière. Les Portugais on du reculer et mon père s'est senti entouré complètement par des Allemands. Se sentant entouré de danger, il a demandé à ses supérieurs ce qu'il devait faire, on lui a répondu qu'il ne devait pas bouger, une contre-offensive portugaise devant avoir lieu deux jours plus tard».

«Son histoire ne nous a été racontée qu'une fois. J'étais encore adolescent.

Il voulait sûrement ne pas parler de choses désagréables. J'ai compris cela qu'après les 25 Avril, moment où l'on a commencé à publier des livres sur la participation portugaise à la I Guerre Mondiale. Mon père n'est renté au Portugal en avril 1919, il a construit une maison et ne s'est marié qu'après. Nous sommes partis habiter à Lisboa à l'âge d'un an et demi. Depuis quelques années je suis revenu à mon village natal, Torres Novas». Pour João Pereira, «c'est important d'être là aujourd'hui et de sentir l'endroit, le lieu, où mon père a tant souffert. Heureusement, il a pu rentrer vivant au pays. Mon grand regret, est celui de savoir que mon père n'a jamais été reconnu, il n'a pas reçu de médaille pour avoir participé à la Guerre, lui qui a souffert du froid, de la faim et de la peur, en se maintenant à son poste. J'ai fait des recherches dans les archives militaires et pas de traces de décoration donnée à mon père. J'ai encore une sœur, mais notre père nous a quitté en 1979». Espérons que le Centenaire de la Bataille de La Lys soit le début d'une reconnaissance et qu'on ne retombe pas dans un certain oubli.

➔ Presidente da Liga dos Combatentes

Tenente General Chito Rodrigues diz que a Batalha de La Lys não foi uma derrota

Por Carlos Pereira

O Tenente General Joaquim Chito Rodrigues é o Presidente da Liga dos Combatentes, a organização que foi criada logo depois da I Guerra Mundial e que preserva a memória dos soldados portugueses, nomeadamente dos que combatem no estrangeiro.

A Liga dos Combatentes tem delegações em França e é esta estrutura que se ocupa da manutenção do Cemitério Militar Português de Richebourg e do Talhão Português no Cemitério de Boulogne-sur-Mer.

Como foi criada a Liga dos Combatentes e quais os seus objetivos?

A Liga dos Combatentes tem a sua origem na I Guerra Mundial. A ideia surge no final da Guerra em que Portugal regressa com problemas graves de saúde e o Governo não conseguiu dignificar aqueles que se bateram por ele e foi então que um punhado de Portugueses resolveu criar uma instituição que apoiasse mutilados e doentes em 1921. Mas só em outubro de 1923, três Portugueses - um marinheiro e dois homens do exército - reuniram-se e a primeira Assembleia Geral teve lugar. A Liga desenvolveu um trabalho em duas grandes direções que ainda hoje são os nossos dois objetivos: por um lado a promoção dos valores históricos do país e por outro lado a prática de solidariedade e apoio mútuo e é isso que nos tem feito viver ao longo dos anos. Historicamente começámos com a Grande Guerra, depois a nossa geração fez a Guerra no Ultramar, e neste momento estamos a passar testemunho aos que se batem nos conflitos e em operações de paz humanitária.

A Liga ocupa-se da manutenção dos dois Cemitérios em França. Porquê?

Por uma questão muito tradicional. A Liga é uma instituição que se bate por valores e solidariedade. E nos valores estamos a honrar os mortos. Nós em Portugal temos 250 talhões onde estão sepultados os militares portugueses que se bateram em conflitos, mas não é só em Portugal. Inicialmente, e antes da Guerra no Ultramar, preocupava-nos o facto daqueles que caíram na Grande Guerra. As Forças Armadas, durante anos, preocuparam-se com a manutenção do Cemitério de Richebourg. Acontece que recentemente a Liga dos Combatentes estabeleceu um plano estruturante, ou seja um levantamento global que demorou 2 anos a fazer, para localizar as campas daqueles que no mundo inteiro se bateram pelo país. Esse plano deu origem a planos particulares, já tínhamos os nossos interesses na Europa e concretamente nos Cemitérios de Richebourg e de Boulogne sur Mer. Além de haver mais alguns pontos onde temos inumados militares portugueses da I Guerra Mundial, estudámos todas as áreas do mundo onde os Portugueses estiveram.

Não apenas na Europa...

Demos prioridade à África e temos um plano de conservação das memórias onde os objetivos são localizar, identificar e concentrar os corpos que vamos levantando no mato, em cemitérios



LusoJornal / Carlos Pereira

abandonados, até agora fizemos várias operações na Guiné e em Moçambique, recuperámos corpos e concentrámos num ossário em Nampula, construímos também um ossário em Bissau. Hoje podemos dizer que a Liga dos Combatentes e os Portugueses tem um cemitério semelhante ao de Richebourg, em Bissau. Estamos a fazer o mesmo em Moçambique. Já recuperámos o Cemitério de Mindelo e de São Tomé. Como vê, a Liga não é só responsável pelos Cemitérios de Richebourg e de Boulogne-sur-Mer, mas por todos os lugares onde se encontram soldados portugueses espalhados pelo mundo. É uma questão de afirmar sempre para que ninguém se esqueça de manter viva a memória daqueles que um dia caíram por Portugal.

No que se refere a Richebourg, em que consiste exatamente a operação da Liga dos Combatentes?

Consiste em dois aspetos fundamentais. O primeiro: a manutenção do que está feito. Uma tarefa que jamais acaba, mas temos conseguido manter a dignidade no Cemitério de Richebourg e de Boulogne com graves problemas que temos por resolver. Em Richebourg fizemos já nos últimos 6 anos obras de fundo, com verbas significativas para manter a dignidade dos que lá estão. Temos problemas difíceis a resolver. A obra foi feita e não é fácil de manter as campas que são construídas com um tipo de material para proteção do meio ambiente mas que não resistem ao tempo. Alguns nomes começam a desaparecer e temos que encetar todo um processo de substituição de placas.

O de Boulogne está pior, não é?

Em Boulogne-sur-Mer também já recuperámos um altar que estava completamente destruído, vamos tentar recuperar outras coisas, para além disso temos uma manutenção permanente. Temos uma empresa que ga-

rante a limpeza e a manutenção, mas as obras de fundo que já fizemos por duas vezes, é uma manutenção permanente, para que os que estejam sepultados seja em lugares dignos. Nos dois garantimos a manutenção e temos projetos para que se mantenham o melhor possível. É honoroso. Mas tenho esperanças que com algumas parcerias possamos tornar o projeto viável.

O Cemitério de Richebourg é simbólico, não é?

É um lugar de memória, de silêncio e de respeito. Olhando aquela placa ao entrarmos no cemitério e ver a bandeira portuguesa, a placa com o escudo com as quinas, nosso símbolo nacional, ali respira-se Portugal! Estão lá vivos no nosso pensamento, na nossa alma, 1.831 mortos que se bateram por esse símbolo ao serviço da justiça e da liberdade.

E o Monumento de La Couture?

Foi um monumento que a Liga ofereceu à França. É um monumento em mármore branco, bonito e simbólico oferecido pelos Combatentes, erguido no lugar onde se deu a última resistência portuguesa durante a I Guerra Mundial assim como a Batalha de La Lys. A comissão dos Padrões da Grande Guerra resolveu em nome de Portugal colocar ali o monumento muito significativo. No próprio ato de entrega, há um sentimento de reciprocidade entre a França e Portugal. A França recebeu esse monumento com grande significado para a Pátria, que representa o soldado português numa luta desigual contra a morte, mas tentando vencê-la. Um monumento imponente colocado ali em 1928 e que está sob a responsabilidade da Mairie local, o monumento foi recuperado e respeita aqueles que ali se bateram e honra a França e Portugal.

Mas o terreno onde está o monumento é português...

A Liga dos Combatentes e a Comissão dos Padrões da Grande Guerra entregaram à França este monumento, mas o terreno onde ele se encontra foi cedido pela França a Portugal a título perpétuo. Portanto, também ali houve uma demonstração que Portugal e a França se bateram no mesmo sentido e a favor da justiça e liberdade de tal forma que na Liga dos Combatentes nos honramos pela origem que temos e nunca fechámos as portas em quase 100 anos, pois ali vamos anualmente dizer que nunca os esqueceremos.

Como acha que deviam evoluir comemorações?

Acho, e talvez de uma forma utópica que nos move na Liga dos Combatentes, mas pela Paz e não pela Guerra. Qualquer cidadão português pode ser membro da Liga dos Combatentes. Nós temos sócios combatentes, sócios efetivos e sócios extraordinários que são as famílias dos que se bateram pelo país. Devia ser transmitido nas escolas e universidades, os valores do Governo que um dia pediu para que se batessem pelo país. E eles foram de armas na mão defender os seus companheiros e a sociedade em que viviam. Então, se em vez de Guerra tivermos Paz, o que desejo é que a prioridade da Liga dos Combatentes seja garantida pelas famílias dos que se bateram pelo país. Quanto às comemorações em Richebourg... daqui por 50 anos, que sejam garantidas pelos netos e bisnetos daqueles que estão ali inumados. Todos poderão evocar um dia a memória não só daqueles que combateram na Grande Guerra, mas também no Ultramar ou ainda nas operações da Paz, honrar a memória daqueles que fundaram a nação desde D. Afonso Henriques. Portanto todos aqueles que foram caindo merecem essa homenagem da sociedade. Gostaria que a educação ao nível das escolas garantisse que as cerimónias de Richebourg daqui por 50 anos não fos-

sem feitas pelos Combatentes mas que fossem garantida pela família e pela sociedade.

Daí fazer sentido estar a comemorar uma derrota, porque afinal a Batalha de La Lys foi uma derrota?

Não, não concordo. Não estamos a comemorar nenhuma derrota, nem a comemorar nada. Nessas cerimónias evocamos e não comemoramos. E aliás a Batalha de La Lys não foi nenhuma derrota! Em termos militares encontramos duas forças em confronto e houve uma das forças que decidiu desencadear uma ofensiva e quando o corpo do exército decide desencadear uma ofensiva é porque pensava que ia ter êxito. Só se lançam ofensivas quando o potencial de combate é de 3 para 1, ora está provado que foi quase de 5 para 1. Portanto assim não há defensiva alguma que resista. E sabemos que no norte da França o terreno não tem características defensivas, o terreno é uma planície total! Não eram os Portugueses que iam à frente e também não havia hipótese de aguentar a primeira linha. Mas aguentou-se nas linhas de retaguarda, porque receberam reforços. Estávamos em abril de 1918 e os Portugueses não atuaram sozinhos, atuaram integrados numa força. Não foi uma derrota portuguesa. Os Portugueses contribuíram decisivamente para a vitória da I Guerra Mundial. Cinco meses depois, as ações dos Portugueses em La Lys foram uma contribuição para a vitória das tropas aliadas e isso é que deve ser apontado aos Portugueses. Eu insisto que não foi uma derrota das forças portuguesas!

No entanto a participação portuguesa passa completamente despercebida em França. São raríssimos os livros de história que falem disso...

Passa despercebido em termos estratégicos, mas não localmente. As pessoas conhecem os cemitérios e falam dessa participação.

➔ A dois passos dos Champs Elysées

Marcelo agradeceu a Paris por ter chamado «Avenue des Portugais» a uma artéria de Paris

Por Carlos Pereira

Foi inaugurada no domingo passado, na Avenue des Portugais, em Paris, uma placa evocativa do centenário da participação dos Portugueses na I Guerra Mundial, descerrada pelo Presidente da República portuguesa, Marcelo Rebelo de Sousa, na companhia do Primeiro Ministro António Costa, do Ministro da Defesa José Azevedo Lopes, da Mairie de Paris Anne Hidalgo e da Secretária de Estado francesa da Defesa Geneviève Darrieussecq.

«Esta placa representa o símbolo com que as autoridades portuguesas pretendem manifestar o seu reconhecimento à Mairie de Paris, que no dia 14 de julho de 1918 decidiu homenagear os Soldados portugueses do Corpo Expedicionário Português, atribuindo a esta avenida o atual nome de 'Avenue des Portugais'» disse o Embaixador de Portugal, Jorge Torres Pereira, numa intervenção introdutória, em português.

A «mais pequena avenida de Paris» estava cortada ao trânsito. Para além das personalidades que procederam à inauguração, estavam presentes as principais autoridades militares portuguesas e uma delegação portuguesa de 9 Deputados: os dois Deputados eleitos pela emigração, Carlos Gonçalves (PSD) e Paulo Pisco (PS), o Presidente da Comissão parlamentar de defesa, Marco António Costa (PSD), o Presidente da Comissão parlamentar dos negócios estrangeiros, Sérgio Sousa Pinto (PS), e um Deputado de cada grupo parlamentar: Berta Cabral do PSD, Paulo Trigo Pereira do PS, Telmo Correia do CDS, Carla Cruz do PCP e João Vasconcelos do Bloco de Esquerda.

Também estava presente a Deputada francesa Christine Pires-Beaune, de



LusoJornal / Mário Cantarinha

origem portuguesa.

Depois de agradecer à Mairie de Paris e à Secretária de Estado francesa da Defesa, Marcelo Rebelo de Sousa confessou que «esta cerimónia é muito importante para nós todos, os Portugueses, mas também para nós todos, os Franceses. É muito difícil de ver uma diferença entre as duas pátrias, quando se trata de uma Comunidade como a Portuguesa presente aqui, no momento em que evocamos os nossos soldados que se bateram por Portugal, claro, mas também pela França».

Logo em frente estavam representantes das Ligas dos Combatentes de Paris (Georges Viaud) e de Lillers (Félicie de Assunção Paillex). Apenas estava ausente o Núcleo de Bordeaux da Liga dos Combatentes, porque estava precisamente em viagem para o Norte e vai participar amanhã nas co-

memorações de Richebourg e de La Coudre.

A Filarmónica Portuguesa de Paris tocou alguns temas e estavam ainda presentes elementos de um grupo folclórico.

Olhando para a placa onde se lê «Avenue des Portugais», o Presidente da República, que se exprimia em francês, fez referência à «longa história de amizade e de fraternidade» entre os dois países, «que tem séculos, mas que está sempre presente, quando estamos juntos na Europa, quando nos batemos juntos na Europa, por uma Europa mais justa, mais forte, mais potente no mundo, e agradeço pelo que a França faz todos os dias, pelos milhares e milhares de Portugueses, mais de um milhão, um milhão e meio, com os seus descendentes que também são Franceses, mas que

nunca esquecem as suas raízes».

«E é por isso que termino estas palavras em português» disse Marcelo Rebelo de Sousa, passando depois a exprimir-se na língua de Camões.

Destacou o facto de estar acompanhado pelo Primeiro Ministro, pelos Deputados, pelas Autoridades militares, «e com o nosso Embaixador que é o representante permanente do Estado português. Todos juntos, como sempre, ultrapassando aquilo que é menor e é secundário, juntos no que é essencial e o essencial hoje é evocar os melhores de todos nós, que se bateram há 100 anos, por Portugal e pela França».

O Presidente da República evocou «a nossa amizade e também a nossa força. Sim, a nossa força, Portugueses. Somos fortes. Somos fortes no nosso território e somos fortes fora do

nosso território. Fortes mesmo nos momentos mais difíceis. Acabamos por vencer sempre. É a vossa experiência, o vosso exemplo. Todos os que aqui estão e muitos, muitos mais, sois todos Portugueses fortes e em nome de Portugal, também isso vos queria agradecer».

Talvez umas duzentas pessoas seguiam à distância, separados por uma barreira de proteção. Chamavam por Marcelo para o cumprimentar. Mas o Presidente fez questão de cumprimentar primeiro os vários empresários que estavam presentes, entre os quais o Presidente da Câmara de comércio e indústria franco-portuguesa, Carlos Vinhas Pereira, e o empresário Manuel Soares, da empresa Real Marbre, que, segundo o Embaixador de Portugal, ofereceu a placa de mármore que foi descerrada. Cumprimentou depois a Banda Filarmónica, os representantes das associações de antigos combatentes e lá foi cumprimentar o público. «Não se esqueça de nós» disse-lhe uma senhora antes de o abraçar. «Venha cá mais vezes» lançou-lhe um homem logo ao lado.

A placa agora descerrada tem a mensagem «Homenagem de Portugal aos Combatentes da Grande Guerra/ Hommage du Portugal aux Combattants de la Grande Guerre», com a legenda «Centenário/ Centenaire» e a inscrição «Paris, 1918/2018».

Vai ficar guardada enquanto duram as obras na fachada do Hotel Raphael. É neste hotel que vai ser colocada, talvez do lado da avenida Kléber e o Embaixador de Portugal agradeceu publicamente à administração do hotel.

Visivelmente contente estava o historiador Georges Viaud, recentemente eleito Presidente da Liga dos Combatentes de Paris, principal instigador desta iniciativa.

Tributo de Marcelo Rebelo de Sousa aos mortos da I Guerra Mundial no Arco do Triunfo

Por Carlos Pereira

O Arco do Triunfo não tinha tanta gente como se podia esperar, mas a homenagem ao Soldado desconhecido teve a dignidade que merecia ter. O Presidente Marcelo Rebelo de Sousa e o Primeiro Ministro António Costa, chegaram juntos à rotunda mais conhecida de Paris. A espera estava a Mairie de Paris, Anne Hidalgo, a Secretária de Estado francesa da Defesa e o Governador Militar de Paris.

Debaixo do Arco do Triunfo, entre representantes de entidades como o Núcleo de Paris da Liga dos Combatentes, encontravam-se a assistir alguns descendentes de soldados portugueses que participaram no conflito mundial, o Chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas, Almirante António Silva Ribeiro, o Ministro da Defesa, José Azevedo Lopes, além de Deputados de todos os Partidos portugueses com assento parlamentar. Antes do Presidente da República



LusoJornal / Mário Cantarinha

chegar, foi lembrado aos participantes que a cerimónia do «reavivar da chama» tem lugar todos os dias, à mesma hora, desde 1923.

Os Hinos de Portugal e da França foram cantados pelos alunos das 4 Secções internacionais portuguesas de Saint Germain-en-Laye, Paris Mon-



LusoJornal / Mário Cantarinha

tagne, Paris Balzac e Chaville. Depois fez-se um minuto de silêncio.

Num dos espaços laterais do Arco do Triunfo estavam dezenas de autarcas

portugueses que se associaram a esta homenagem ao Soldado desconhecido, no quadro das comemorações do centenário da Batalha de La Lys.

➔ Centenaire de la Bataille de La Lys

Deux expositions «Amours suspendues» et «Racines» - étonnantes découvertes

Par António Marrucho

Ça y est, les célébrations du centenaire de la Bataille de La Lys ont commencé.

Comme l'a bien dit le sous-Préfet, lors de son allocution à Richebourg ce vendredi 6 avril, les commémorations du centenaire 14-18 ne sont pas pour fêter une victoire, mais pour célébrer le souvenir de tous ceux qui ont participé à une guerre absurde. On célèbre le souvenir des combattants de toutes nationalités confondues.

Rendez-vous a été donné à la presse pour la présentation de l'exposition «Amours suspendues» à Vieille-Chapelle, village totalement détruit, mais reconstruit notamment à l'aide de fonds en provenance d'un village anglais.

Aurore Rouffelaers, Commissaire de l'exposition a mis l'accent sur le caractère inédit de ce type d'exposition en provenance de la collection d'Afonso Maia. Ce sont des cartes postales et lettres choisies et traduites, parmi les 150 autres, qui reflètent un état d'esprit qui évoluera au long des mois parmi les troupes portugaises.

Il a été fondamental pour les soldats de toutes nationalités, toutes ces lettres qui arrivaient parfois deux à trois fois par jour au front. On estime à 10 milliards le nombre de courriers envoyés et reçus par les soldats, toutes nationalités confondues.

Aurore Rouffelaers et l'Office du Tourisme de Béthune Bruay ont fait un travail exceptionnel. Elle a su, par ailleurs, intéresser les différents acteurs sur le terrain.

Pour l'exposition des «Amours Suspendues» l'accueil des enseignants a été enthousiaste. Ils ont travaillé le thème de la Bataille de La Lys, notamment avec les enfants de l'école. Ces mêmes enfants qui au Cimetière Militaire Portugais de Richebourg interpréteront les hymnes Portugais et Français.

L'image est forte et symbolique: «Amours suspendues»... Ce sont des fiancées qui restent au Portugal, les parents, le cousin, la tante... «Amours suspendues» aux lettres qui vont, qui



LusoJornal / Luís Gonçalves

viennent... «Amours suspendues» aux dangers et péripéties de la guerre... «Amours suspendues»... les lettres sont suspendues au haut plafond de la salle de la halte-garderie par un simple fil... fragile... mais essentiel, comme fragiles et essentiel a été tout ce courrier pour le moral des troupes. Tout courrier envoyé et reçu par les soldats portugais passait par la censure... il fallait un peu de ruse pour faire passer les messages. On remarque une certaine évolution dans les thèmes traités: courrier très chaste au début de la participation portugaise à la guerre, plus expressif et explicite sur le manque physique et avec des demandes... demandes d'argent notamment, vers la fin du conflit.

«Racines»

La deuxième exposition à laquelle la presse a été conviée, a été celle de Richebourg à la salle Paul Legry qui a pour titre «Racines».

Ce sont 19 récits de soldats portugais de la 1ère Guerre et de leurs familles. Des gens qui au départ n'avaient rien à dire... et pourtant tant de choses sont dites sur les 19 portraits. Chaque famille avec la même histoire... celle d'être d'origine portugaise par leur père qui a combattu en France... et tous différents... par leur histoire très personnelle.

Dix-neuf récits de gens qui n'avaient rien à dire... et pourtant. Des familles qui cherchaient leurs racines... qui l'ont retrouvées, pour quelques-unes... des familles qui finalement avaient besoin de parler, d'ouvrir leur boîte intime, personnelle, mais aussi d'ouvrir la boîte jamais ouverte depuis 1918 dans laquelle on va découvrir une, des décorations, des familles qui se découvrent.

Dix-neuf portraits d'une recherche artisanale inédite et pas encore abordée dans la littérature jusqu'à présent. Un travail énorme d'Aurore Rouffelaers, des horizons qui se sont ouverts, un début d'autres témoignages vont arriver... le sentir de ceux qui ont et qui vont témoigner, en se disant: en fin de compte on n'est pas tout seuls... y a pas que moi qui cherche une paternité, qui cherche à faire disparaître le sentiment d'apatride.

Dix-neuf portraits de soldats qui tous ont cherché à s'intégrer, 17 ont obtenu la nationalité française, qui n'ont volontairement pas voulu transmettre la langue de Camões, des hommes qui pour quelques-uns ont participé à la 2ème Guerre Mondiale en tant que Français, qui ont fait de la Résistance. Les descendants eux? Ils souhaitent et veulent assumer la «portuguitude».

On a senti Aurore Rouffelaers émue, alors qu'elle prend la parole au mo-



LusoJornal / Luís Gonçalves

ment de présenter l'exposition à tous ceux qui, nombreux, sont venus voir l'exposition, se voir... les témoins. Il y a comme qu'une reconnaissance, enfin, dirions-nous. Quelques-uns parmi bien d'autres. D'autres qui ont une mère, mais qui parfois n'ont jamais connu le père. On estime 50 le nombre de naissances d'enfants de père portugais, d'amours sans suite.

On sent Aurore Rouffelaers émue, presque en larmes. L'exposition «Racines» c'est son bébé, c'est de sa conception, un aboutissement. Felicia, sa grand-mère porte-drapeau, qui vient tout juste de fêter ses 92 ans, en pleure, des pleures de gratitude envers sa petite fille.

C'est pour Aurore Rouffelaers un premier aboutissement, le début d'autres rencontres... n'est-ce pas là une preuve d'amour pour les siens, un désir de partage avec les autres?

Le Consul Honoraire du Portugal à Lille parle de sa récente découverte: sa campagne est petite-fille de soldat portugais. Un exemple parmi d'autres. Pourquoi autant de temps avant d'en parler? Bruno Cavaco dit que tous ces témoignages sont d'une importance capitale pour les générations qui vont suivre.

La Députée Marguerite Deprez, se dit émue. Que cela fait du bien de se ressourcer et au même temps de partager une page d'histoire, une page d'histoire

qui est à partager avec nos enfants, le partage des souffrances, le partage de la paix.

Le sous-Préfet félicite Aurore Rouffelaers pour le travail accompli et remercie toutes les forces vives qui ont contribué à mettre en place de tels moments, se souvenir de tous ceux qui ont participé à la 1ère Guerre Mondiale.

S'ensuit un moment de partage, moments émouvants, moments de rassemblement, de photos de descendants, de témoins.

Nous rencontrons Jorge Vaz Gomes, qui filme, qui cherche son arrière-grand-père. Sa mère, Celestre Nobre Vaz, a une photo et elle nous la montre. Elle sait que son grand-père est probablement dans la photo mais ne sait pas lequel c'est. Elle demande, elle se demande si son autre familial dont ils n'ont de nouvelle, Manuel António Casalta ne serait-il pas enterré dans le Cimetière Militaire Portugais de Richebourg. João Marques avait la liste. Il semblerait qu'il n'y soit pas, ou peut-être, est-ce un des soldats inconnus parmi les centaines qui y sont.

Beaucoup est en train d'être écrit sur la participation portugaise dans la première Guerre Mondiale. Beaucoup reste à dire. La preuve? Les expositions et les portes qu'elles ont entrouvert.

• PUB

BÉTHUNE BRUAY

BB

pour les intimes

Expositions, visites guidées et spectacles

LES PORTUGAIS DANS

LA GRANDE GUERRE

Centenaire de la Bataille de la Lys

DU 7 AVRIL AU

6 MAI 2018

> www.tourisme-bethune-bruay.fr

Office de tourisme
la région
de **BÉTHUNE**
BRUAY

➔ Dans de cadre du Centenaire de la Bataille de La Lys

Concert de Fado d'Ana Lains à Béthune: un moment magique

Par António Marrucho

Elle est bien portugaise. Jugez-en par son nom complet: Ana Margarida Lains da Silva. Et quoique originaire de la région de Ribatejo, plus précisément de la ville de Torres Novas, elle est née pour la chanson de Lisboa, le Fado. Ana Lains nous a scotché, nous a fait bouger. Plus d'une heure et demie de spectacle... de bonheur! Et quelle présence sur scène! Elle occupe l'espace, elle joue un fado presque théâtral. Elle emmène le spectateur tout près d'elle... sur scène.

Quel dommage que le Théâtre de Béthune n'ait été qu'à moitié plein...

Pour tous ceux qui ont occupé l'autre moitié, Ana Lains leurs laissera un bon souvenir.

Le Portugal a la chance d'avoir actuellement des interprètes de Fado d'une qualité rare. Il n'y a pas un Fado... il y a des Fados. Chaque artiste le fait évoluer en intégrant de nouvelles sonorités, de nouveaux instruments. Ana Lains en fait partie.

Sur scène elle n'est pas seule. Elle nous a présenté deux fois ses musiciens, au début et à la fin du spectacle: au piano Paulo Loureiro, à la guitare portugaise Bruno Chaveiro, à l'accordéon Carlos Lopes, à la basse Hugo Ganhão et aux percussions João Coelho.

Ana Lains avec ses chansons, ses fados, nous a fait un voyage au Portugal: un voyage dans l'espace mais aussi dans le temps. Dans son premier fado, elle nous parle de son amour avec lequel elle s'est fâchée, et elle nous



surprend avec une chanson dans la deuxième langue du Portugal: le mirandês.

On voyage dans le temps, on remonte huit siècles en arrière pour écouter une chanson écrite pour le roi D. Dinis, en galaico-portugais. De noter qu'Ana Lains, en 2014, a été ambassadrice des commémorations autour de la langue portugaise. Est-ce une des raisons pour laquelle elle a été choisie pour que son spectacle s'intègre dans les commémorations du Centenaire de la Bataille de la Lys?

Pour certaines de ses chansons, Ana Lains nous demande de fermer les yeux et d'ouvrir nos cœurs.

Déjà petite, elle aimait Florbela Espanca. Elle la chante dans son premier CD. Elle nous chante la vie et ses inquiétudes, de ses chemins, de nos chemins, de nos vies. Inspiration qui lui vient d'un homme du nord du Portugal: Jorge Fernando. Elle fait appel au public, le public qui essaye de chanter, tape dans les mains.

Le silence se fait pour écouter une chanson de sa «professeure», Dulce Pontes, mondialement connue: «Canção do mar». L'interprétation est sublime, le silence de la salle pour l'écouter en dit long.

Elle nous fait rappeler par une de ses chansons que «nous mourrons douce-

ment... et que nous naissons par le matin».

Ana Lains, s'émue avec le Fado traditionnel, difficile de contenir ses émotions. Elle nous chante un fado d'il y a deux siècles, il avait été interprété par l'aristocrate Maria Teresa de Noronha. Accompagnée au piano, elle nous parle du temps, de la vie, des heures qui passent, elle fait participer le public, lui demande de danser tout en se posant la question: «O tempo perguntou ao tempo quanto tempo o tempo tem...».

Le voyage continue, elle nous parle de certains instruments traditionnels du folklore portugais, elle interprète «Sen-

hora do Almotrão» tout en jouant avec un «adufe», instrument traditionnel de Beira Baixa.

La musique qui paraît triste, libre selon Ana Lains. On arrive à la fin du spectacle, après des applaudissements, les musiciens reviennent sur scène, presque à genoux elle nous interprète «Je ne regrette rien» de Piaf, d'une façon magistrale, terminant avec un Fado traditionnel: «Não passes na minha rua».

L'heure et demie du spectacle a vite passé. Ana Lains, un nom à retenir, une artiste pleine de talent, une belle voix qui peut s'adapter à tout type de chansons.

Exposição em Arras mostra visões de três artistas portuguesas sobre a Grande Guerra

Por Carina Branco, Lusa

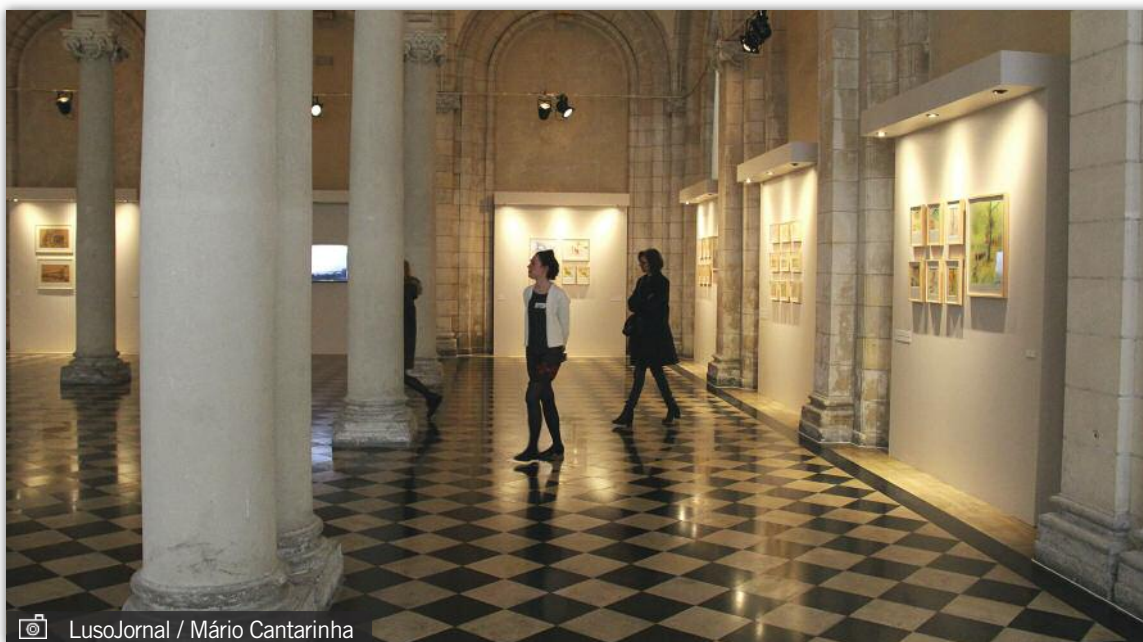
Um século depois da participação portuguesa na Grande Guerra, a cidade francesa de Arras expõe obras de um pintor que esteve na frente de batalha, Adriano de Sousa Lopes, associado aos contemporâneos Alexandre Conefrey e Daniel Barroca.

A exposição «Le Portugal au Front: Visions d'artistes (1918-2018)» está patente de 9 de abril a 7 de maio, no Museu das Belas-Artes de Arras, e junta 16 desenhos de Sousa Lopes, 32 desenhos de Alexandre Conefrey e um vídeo de Daniel Barroca.

Foi inaugurada na segunda-feira desta semana pelo Primeiro Ministro António Costa.

A mostra é comissariada por João Pinharanda, Conselheiro cultural da Embaixada de Portugal em França, que quis juntar imagens centenárias do Capitão do serviço artístico do Corpo Expedicionário Português (CEP) a trabalhos de artistas de hoje que «repensaram a Primeira Guerra Mundial a partir de linguagens contemporâneas».

De Adriano de Sousa Lopes (1879-1944), o «oficial-artista» que acompanhou os soldados lusos nos campos de instrução e nas trincheiras, são apresentados 16 desenhos documen-



tais, realizados a carvão, «datáveis de 1917-1918».

Uma parte são desenhos para instrução das tropas que mostram posições de ataque, de defesa, movimentos de manobra das armas, de lançamento de granadas e técnicas de combate, e outra parte é constituída por obras que retratam «o quotidiano da guerra, nomeadamente, os bombardeamentos do 09 de abril» da Ba-

talha de La Lys, onde o CEP foi destruído pelos alemães.

De Alexandre Conefrey, que nasceu em 1961 e que «sempre trabalhou muito longamente questões de guerra», são mostrados 32 desenhos inéditos e realizados este ano sobre «episódios da Primeira Guerra Mundial» a partir de imagens tiradas da Internet e que ilustram «momentos da vida quotidiana dos soldados nas trin-

cheiras».

No fundo, são «séries repetitivas sobre imagens idênticas que tornam coloridas as imagens que eram a preto e branco» e que se declinam também em termos formais, tornando «mais angustiantes imagens que já são angustiantes porque se repetem muitas vezes», descreveu João Pinharanda. Daniel Barroca, nascido em 1976 e que também se debruça frequente-

mente sobre o tema da guerra em vídeos que ilustram «campos de ruína», apresenta um vídeo de 2003 que usa arquivos da batalha de Verdun e que «interroga a fiabilidade das imagens na reconstrução e perenidade da memória, no testemunho documental da violência e da morte».

O Comissário da exposição sublinhou, também, que quer «atualizar uma reflexão que hoje não tem ingenuidade nenhuma e que tem de ser muito crítica sobre a questão da guerra e da violência».

«No fundo, não é nada que não tenha sido feito porque o Goya já fez no século XIX uma série chamada 'Os Desastres da Guerra', mas às vezes julgamos que a guerra são jogos de guerra, mas não são jogos de guerra, são desastres», explicou.

No catálogo que acompanha a exposição, João Pinharanda acrescenta que a mostra «pretende revelar a ainda pouco conhecida presença e ação das tropas portuguesas no decurso da I Guerra Mundial» e «resgatar a memória desses soldados», realizando-se em Arras que é, ao lado de Lille, uma das «duas cidades homenageadas pelo Estado português com o grau de cavaleiro da Torre e Espada», por terem acolhido os portugueses depois da Batalha de La Lys.

→ Hommage aux soldats du Corps Expéditionnaire Portugais

Association Memória Viva: «Maudite soit la guerre»

Par Dominique Stoenesco

Sous la devise «Maudite soit la guerre», l'Association Memória Viva a rendu hommage, les 7 et 8 avril, aux soldats du Corps Expéditionnaire Portugais morts sur les champs de bataille en Flandre française.

Ainsi, dans le cadre du Centenaire de la Bataille de La Lys, qui eut lieu le 9 avril 1918, une quarantaine d'adhérents et amis de l'Association Memória Viva ont tenu à saluer la mémoire de ces milliers de soldats portugais envoyés se faire tuer dans les tranchées, dans cette large plaine où la Lys étale ses méandres.

Des 55.000 soldats du Corps Expéditionnaire Portugais qui ont débarqué à Brest en février 1917, avant d'atteindre l'enfer des combats, plus de 2.000 sont morts, des milliers d'autres ont été blessés, faits prisonniers ou ont déserté.

Ce voyage-hommage a débuté par la visite des sites de mémoire portugais les plus importants, situés dans le département du Pas de Calais, région des Hauts-de-France. Suivant un itinéraire proposé et commenté par Bertrand Lecomte, professeur d'histoire et auteur du livret «Les troupes portugaises en France, 1917-1919», la première étape du circuit a commencé par une déambulation pédestre à Neuve-Chapelle, commune située sur la ligne de front tenue par les Portugais.

Le deuxième arrêt a eu lieu à La Cou-



ture, autour du monument commémoratif portugais, avant la visite du Cimetière Militaire Portugais, à Richebourg, situé dans la zone des anciennes tranchées, et où reposent aujourd'hui plus de 1.800 soldats portugais.

Les deux dernières étapes ont été consacrées à la visite des tombes portugaises qui se trouvent dans le cimetière allemand de la commune de Salomé et la découverte du dispositif militaire allemand installé au lieu-dit La Bouchaine, commune de Illies.

En traversant plusieurs communes du secteur portugais on pouvait aussi voir, en plein air, des photos grand format présentées sous le titre «visages du combat»: l'infirmière Maria Francisca

Dantas Machado (Neuve-Chapelle), le colonel Bento Roma (La Couture), les soldats João Assunção (Richebourg) et Milhões (Vieille-Chapelle), ainsi que le général Tamagnini (Saint-Venant). En fin d'après-midi, le groupe a pu découvrir, à l'église de La Couture, une très riche exposition photographique sur le Corps Expéditionnaire Portugais en France et assister à la projection de la version résumée du film documentaire «Soldado Nobre», en présence du réalisateur, Jorge Vaz Gomes, arrière-petit-fils d'un soldat du CEP, originaire de Sabugal. À partir de la photo d'un groupe de soldats, Jorge Vaz Gomes tente de retrouver, en vain, les traces de son aïeul.

Faisant de cette quête individuelle

une quête collective, son travail de reconstruction de la mémoire aboutit à un documentaire extrêmement beau et émouvant.

Le point fort de ce voyage mémoriel a été la visite au Cimetière Militaire Portugais, le lendemain, à Richebourg, où une couronne de fleurs a été déposée au nom de l'Association Memória Viva, avec l'inscription «Maldita seja a guerra - 1918-2018» (Maudite soit la guerre - 1918-2018).

Cette cérémonie a été suivie de la lecture d'une dizaine de lettres de prisonniers, extraites du livre de Maria José Oliveira «Prisioneiros portugueses da primeira guerra mundial», lettres écrites en décembre 1918 mais jamais arrivées à leurs destina-

taires, le plus souvent à cause de la censure. Les lectures ont été accompagnées musicalement au saxophone, avec la «Chanson de Craone» (texte anonyme), «Le Déserteur», de Boris Vian et «A Ronda do Soldadinho», de José Mário Branco. A été également lu le poème «Le domeur du val», d'Arthur Rimbaud.

L'hommage aux soldats qui reposent au Cimetière de Richebourg s'est achevé sur «Grândola Vila Morena», chanson entonnée par les participants, au moment même où un rayon de soleil tentait timidement de percer la brume matinale qui recouvrait la plaine de la Lys.

L'exposition «Portraits photographiques de 14-18» présentée par Thierry Dondaine, de l'Association Déclencheurs de Mémoires, a également attiré toute l'attention des visiteurs. Il s'agissait de photos tirées par une habitante du village de Bourecq, surnommée Mina, couturière improvisée photographe pendant la guerre.

Le programme de ces journées s'est clôturé par la présentation et la lecture d'extraits du roman «Sabino, ou les tribulations d'un soldat portugais dans la Grande Guerre» (à paraître incessamment aux éditions Pétra), de Nuno Gomes Garcia, et aussi par la présentation du livre de Cristina Drios, «Os olhos de Tirésias». Deux romans qui, entre la réalité historique et la fiction, permettent d'avoir un regard moins emphatique sur cette tragédie du début du XXe siècle.

Álvaro Simões Rodrigues critica estado do Cemitério Militar Português de Richebourg

Por Carina Branco, Lusa

Álvaro Simões Rodrigues, um colecionador que tem quatro mil objetos da Primeira Guerra Mundial em homenagem ao avô que foi soldado, criticou o estado do Cemitério Militar Português de Richebourg.

O colecionador falava à margem da cerimónia de homenagem aos combatentes portugueses da Grande Guerra que juntou os Presidentes português e francês, Marcelo Rebelo de Sousa e Emmanuel Macron, no Cemitério onde estão as campas de 1.831 portugueses.

«Meteram umas plaquinhas agora em cima das campas, mas nem conseguiram acabar. É uma vergonha. As campas estão todas tortas, não tem nada a ver com os cemitérios ingleses», lamentou o português de 72 anos que veio para França há 54 anos.

Foi também há 54 anos que começou a colecionar objetos relacionados com a Primeira Guerra Mundial, em memória do avô que aí combateu e de três primos do seu pai, dois dos quais estão enterrados em Richebourg e onde, na segunda-feira, colocou duas bandeiras portuguesas.

Em 11 de junho de 2016, aquando da visita a este cemitério pelo Presidente da República e pelo Primeiro-Ministro, Álvaro Simões Rodrigues chamou António Costa e foi mostrar-lhe o estado das lápides de granito, muitas delas apagadas, pedindo-lhe



para intervir na reparação.

Dois anos depois, para o Centenário da Batalha de La Lys, foram colocadas em cima das lápides pequenas placas em metal com o nome dos soldados, houve obras para limpar o portão de ferro forjado, o altar e as paredes do cemitério estão hoje sem as placas comemorativas que foram sendo colocadas ao longo dos anos e das visitas de diferentes personalidades.

Entre armas, uniformes, capacetes, cartucheiras e cartas de amor, são cerca de quatro mil os objetos que Álvaro Simões Rodrigues juntou em homenagem ao avô, pescador de bacalhau, que foi feito prisioneiro

pelos alemães em 1917, mas viria a integrar o Corpo Expedicionário Português como soldado auxiliar.

«O barco de pesca de bacalhau onde ele estava chamava-se Loanda e foi fundeado em 1917 por um submarino alemão ao largo da costa portuguesa. Foi feito prisioneiro e fugiu do barco alemão a nado porque como era pescador de bacalhau e levava muito bacalhau para a Noruega, conhecia muito bem a costa francesa. Quando passou ao largo de Dunquerque mandou-se à água, à noite. Foi apanhado pelas tropas inglesas que o levaram para as tropas portuguesas», contou o neto que vive em França desde 1964. O avô participou na Batalha de La Lys,

em 09 de abril de 1918, tendo ficado ferido nas pernas por uma granada e sido repatriado em fevereiro de 1919 para Portugal, sem nunca ter recebido um apoio para veteranos de guerra. A ferida acompanhou-o toda a vida e em 1965 foi amputado de ambas as pernas, acabando por morrer a 31 de dezembro de 1965, sem que o neto se pudesse despedir por ter fugido da ditadura para França. «Fiz a minha coleção pelo meu avô, um homem de quem eu gostava muito, que era muito especial. O meu museu é uma homenagem ao meu avô e a todos os combatentes que se bateram nesta guerra, seja soldado alemão, inglês, francês ou português porque todos ti-

nam mãe, pai, mulher, filhos e morreram todos por culpa de alguns políticos», lançou.

O interesse pela história do avô nas trincheiras francesas nasceu em 1963, na «última vez» que esteve com ele, aos 17 anos, quando o avô lhe contou a história que até aí tinha guardado em silêncio.

«Fui com ele ao monumento aos mortos da Grande Guerra a Lisboa e foi aí que ele me falou da guerra dele porque nunca falava disso. Para ele, aquilo era um passado. Nunca me tinha falado da guerra dele. Ele tinha uma lembrança alemã na gaveta: um revólver alemão. Quando ele morreu, eu estava cá em França e não pude ir a Portugal para recuperar a arma, mas, em França, consegui arranjar uma igual e gravei o nome do meu avô», contou.

A arma com o nome do avô foi a primeira da coleção do neto e hoje a sua casa, em Châteauneuf-sur-Cher, a cerca de 250 quilómetros de Paris, transformou-se num «museu».

«Tenho um museu com mais de 4 mil peças, 170 metros quadrados e o espaço não chega. Acho que aqui em França, mesmo na Europa, sou um dos maiores colecionadores sobre o material português. Tenho peças de todas as tropas que se bateram na frente. Tenho desde o pincel da barba, à metralhadora e de material português tenho armas, roupas, selas de cavalaria, capacetes», descreveu.

➔ Pour terminer sa visite en France

Visite du Premier Ministre portugais à la Mairie de Lille

Par António Marrucho

La journée du 9 avril 2018 fut longue pour les personnalités portugaises en visite dans le Nord de la France lors des cérémonies du Centenaire de la Bataille de La Lys.

Pour le Premier Ministre Portugais, António Costa, elle s'est achevée par la visite de la Mairie de Lille.

Arrivé à 19h15, le premier acte a été celui de visiter l'exposition mise à la disposition de l'hôtel de ville de la capitale du Nord par l'Assemblée de la République portugaise qui a pour titre: «Le Portugal et la Grande Guerre».

Dans son allocution de bienvenue, Martine Aubry, Maire de Lille, a salué tout le corps diplomatique présent, français et portugais, et rappelle la longue histoire qui unit la ville au Portugal. Un mot est adressé aux 200 mille Portugais ou lusodescendants qui contribuent depuis des décennies à la prospérité de la ville et de la région. Martine Aubry a dit: «Monsieur le Premier Ministre, nous vous accueillons en digne représentant, en votre personne, d'un pays qui va bien, vous incarnez le renouveau du Portugal».

Martine Aubry rappelle, les faits historiques: alors qu'on commémore le Centenaire de la Bataille de La Lys, la Maire de Lille a une pensée particulière pour tous ceux, 20 mille, qui se sont montrés vaillants devant une force militaire Allemande beaucoup plus nombreuse, de 50 mille soldats.

À la suite de la Bataille de La Lys, les prisonniers portugais ont passé par Lille. Les Allemands les faisant défiler entre la Citadelle, centre-ville et la gare. Les Lillois, au péril de leur vie, les applaudissent et leur donnent ce qu'ils peuvent pour manger et boire.

En remerciant, le Portugal offre, en octobre 1920, un joli coffre et la ville reçoit du Portugal la plus haute distinction, la décoration de l'Ordre de la Tour et de l'Épée.

Après les références historiques, Martine Aubry salue et félicite le Portugal,



Lusa / Mário Cruz

un pays qui a passé d'un chômage de 17% en 2013 à moins de 8% actuellement, grâce notamment à une formation des salariés portugais de qualité. Alors que la croissance atteint les 2,7% et que le budget est à l'équilibre, la consommation est aidée par des augmentations salariales et des pensions.

La relance se fait au Portugal par les investissements et le développement d'activités dans les hautes technologies. Le regard des chefs d'entreprise sur le Portugal a changé, même des industries qui sont parties un moment, reviennent au Portugal. Le Portugal est vu comme un pays sûr et qui donne confiance.

Martine Aubry a dit que «le Portugal est un exemple pour l'Europe, exemple aussi dans l'accueil. Alors que le quota de réfugiés que le Portugal doit recevoir est de 1.600 personnes, le Portugal se propose d'en recevoir 10.000. Alors que l'Europe déçoit et perd quelques-uns de ses valeurs, beaucoup de regards se tournent vers le Portugal».

La Maire de Lille termine en affirmant: «continuez, donnez l'exemple, on vous regarde comme un pays d'explorateurs».

António Costa remercie le bon accueil. Il rend hommage aux soldats portugais

qui ont vécu un vrai drame dans la Bataille de La Lys. Pour le Portugal cela fut une grande défaite militaire. Par la même occasion il rappelle que nous rendons surtout hommage à la Paix et à tous les soldats qui ont participé au conflit.

Le Premier Ministre sent un certain orgueil car la France a honoré l'effort de guerre du Portugal, en faisant défiler les soldats portugais sur les Champs Élysées dès le 14 juillet de paix.

Hommage appuyé a également été prononcé aux Portugais de la région. António Costa explique que «nous sommes des amis de la France et des partenaires de l'Europe, notre amitié est une amitié de sang et de valeurs. Dans les moments difficiles, il faut savoir choisir, c'est ce défi que l'Europe doit suivre».

Geneviève Darrieussecq, Secrétaire d'État auprès de la Ministre de la Défense se réjouit de cette belle journée du 9 avril 2018, journée exceptionnelle d'hommage aux 55 mille combattants portugais. Ce sont des hommes qui ont fait honneur à leur drapeau et qui ont été applaudis le 14 juillet 1919 dans le défilé sur les Champs-Élysées. En remerciement, la France nommera une avenue de Paris, d'Avenue des Portugais.

La Secrétaire d'État s'adressant à António Costa dira que «vous êtes chez vous à Lille, mais vous l'êtes aussi dans bien d'autres villes en France. Cela reflète la grandeur du pays que vous représentez. La France ne vous oubliera pas».

Le Portugal sera un des invités, parmi les 80 hôtes que la France et son Gouvernement vont inviter, pour la célébration du 11 novembre, date de de l'Armistice, et de la fin des célébrations du Centenaire.

Cela sera un grand moment. L'Europe et les pays transatlantiques iront célébrer la paix, la mémoire partagée, tout en rappelant que le travail n'est pas terminé, la paix qui est si précieuse et souvent en danger.

Une plaque commémorative a été dévoilée par Martine Aubry et António Costa.

Martine Aubry a offert à António Costa une lithographie montrant la ville de Lille et dans l'autre sens, ce sont des produits traditionnels portugais qui sont offerts.

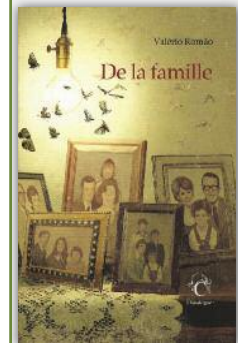
Avant le cocktail, David Vasconcelos et Estrela de l'Association Ibérica de Seclin, ont enchanté par la voix et la danse.

Voilà, une visite qui laissera des souvenirs.

Dominique Stoenesco

Un livre par semaine

«De la famille», Valério Romão



Depuis la publication de son premier roman, «A utisme», Valério Romão occupe peu à peu une place

importante parmi cette nouvelle génération d'écrivains portugais qui nous proposent un nouveau type d'écriture marquée par la fragmentation du discours et par un rythme soutenu. Né en 1974, en France, où ses parents avaient émigré, après l'école primaire Valério Romão rentre au Portugal et à la fin de ses études en philosophie il se consacre à l'écriture.

«De la famille» (éd. Chandeigne, traduction d'Elisabeth Monteiro Rodrigues) est un voyage à l'intérieur des relations familiales. À travers les onze nouvelles de ce livre l'auteur explore certaines situations limites de l'expérience humaine. Sans chercher la compassion du lecteur, tour à tour absurde et drôle, Valério Romão nous fait découvrir un monde où règnent souvent l'incommunicabilité, la souffrance et le jeu des pouvoirs. Comme à l'intérieur d'un laboratoire, ses personnages se mélangent et réagissent fortement les uns par rapport aux autres, favorisant ainsi l'observation de ce qui se passe dans un milieu assez clos qu'est la famille.

De la nouvelle «Peu à peu on a oublié grand-mère», que l'auteur dédie à Alex Gozblau, l'illustrateur de la couverture du livre, nous reproduisons ces quelques lignes: «Quand Alzheimer a frappé ma grand-mère de plein fouet, ma mère nous a réunis dans la cuisine et, les yeux embués de larmes, interrompant coup sur coup son discours pour se moucher avec les sopalins dont elle faisait un petit tas généreux, sur la table, elle nous a dit que grand-mère allait partir, parce que c'était le médecin qui lui avait dit - votre mère, madame, a une maladie dégénérative, qui va lui faire perdre ses facultés et, dans la phase la plus avancée de la maladie, sa propre personnalité, vous devez donc commencer votre deuil dès à présent, car ce sera une mort lente et douloureuse, je ne vous le cache pas - et elle nous a chargés, surtout les plus jeunes, mon frère et moi, de lui tenir compagnie et d'être attentifs à toute farce involontaire qu'elle serait susceptible de faire».

Prémio Argus d'Or para a Fidelidade França com a oferta Multisanté

A Fidelidade França ganhou, pelo segundo ano consecutivo, o prémio Argus d'Or 2018 na categoria do Melhor Seguro para afínities. Este ano, ganhou graças ao produto Multisanté, que é o seguro de saúde bilateral entre França e Portugal.

O prémio foi entregue na passada terça-feira, dia 3 de abril, em Paris.

A cerimónia dos Argus d'Or, que já vai na sua 14ª edição, é organizada pelo Argus de l'Assurance, considerada como a primeira fonte de informação para os profissionais dos seguros em França. A cada ano, a entidade premia as melhores seguradoras em diferentes categorias de atuação.

Nesta edição, para as 13 categorias em concurso, a organização diz ter recebido 111 candidaturas de várias empresas.

Os prémios galardoaram as estratégias mais inovadoras nos seguros de vida



e saúde, seguros patrimoniais e acidentes, no marketing, na inovação e seguros para afínities.

O Júri recompensou a oferta Multi-

santé «quer pela vertente inovadora de um produto 'transnacional' em saúde quer pela variedade de serviços que a mesma garante» diz uma nota

de imprensa da Fidelidade. «Este produto apresenta várias vantagens para o cliente, nomeadamente pelo facto de ser prescrito um só contrato, com uma cobertura de despesas bilateral, entre França e Portugal, com um prémio equivalente a um seguro básico de saúde em França, mas com uma rede de atendimento privilegiada com preços negociados em Portugal. A subscrição deste produto pode ser efetuada através da agência Fidelidade, em Paris, através da rede de parceiros, ou no site fidelidade.fr, e não implica o preenchimento de um questionário de saúde. Após o feedback positivo junto da comunidade francesa, o próximo objetivo passa por levar esta oferta ao público que se desloca constantemente entre Portugal e França, e que possa beneficiar das vantagens que o Multisanté oferece».

Sandra Nunes é a nova Miss Portugal Régions de France 2018



Sandra Nunes, com 25 ans, foi de Paris até Clermont Ferrand para ser eleita, este sábado passado, Miss Portugal Régions de France 2018.

A eleição foi organizada, como habitualmente, pela associação Os Camponeses Minhotos de Clermont Ferrand, na sede da associação, na presença de cerca de 200 pessoas que encheram a casa.

A Primeira Dama de Honra é Vânia de Oliveira Ferreira, com 23 ans, de Thiers (63) e a Segunda Dama de Honra é Tiffanie Pereira de Castro, com 18 ans, de Montluçon (03). Durante um ano Sandra Nunes vai ter de participar em eventos relacionados com a Comunidade portuguesa e vai representar as Portuguesas de França num concurso em Portugal.



<https://lusojournal.com>

➔ No quadro da Primavera dos Poetas

José Rodrigues dos Santos respondeu aos alunos da Universidade Jean Monnet

No passado dia 29 de março, a Universidade Jean Monnet, em Saint Étienne, recebeu o jornalista e escritor José Rodrigues dos Santos, no âmbito do programa cultural da «Primavera dos Poetas».

O evento, organizado pelo Leitorado de Português da Universidade Jean Monnet de Saint Etienne, em parceria com o Instituto Camões e o Departamento de Estudos Políticos e Territoriais, contou com mais de uma centena de estudantes e público exterior.

José Rodrigues dos Santos proferiu uma conferência sobre regimes autoritários, na qual foram abordadas questões significativas sobre o regime ditatorial em Portugal e em outros países europeus, esclarecendo as diferentes características dos modelos e evocando a possibilidade ou não de uma eventual ascensão. O autor fez uso da sua experiência de jornalista e escritor para explicar o surgimento e funcionamento dos regimes em diferentes tipos de Governo.

José Rodrigues dos Santos concedeu uma entrevista aos estudantes de 3º ano do curso Línguas Estrangeiras Aplicadas Inglês-Português, onde foi questionado sobre diferentes temas relacionados ao seu percurso e às suas obras publicadas.

Tendo em conta as diferentes funções que ocupa - jornalista, romancista, professor universitário, apresentador de Telejornal - não se torna difícil conseguir conjugar tudo?

Sim, é um bocado difícil. Mas quando gostamos de fazer alguma coisa, arranjamos sempre tempo. Gosto de fazer o que faço. Buda dizia que há uma maneira de nós vivermos uma vida inteira sem trabalhar: é fazer aquilo que gostamos, porque não parece trabalho. Eu faço as coisas que eu gosto e divirto-me. É interessante falar com pessoas, dividir ideias. E, sobretudo, desafiá-las.

Nasceu em Moçambique, durante a Guerra do Ultramar, este facto teve alguma relação com a escolha da sua carreira como repórter de guerra?

Nasci e vivi muitos anos em zonas de guerra, mas tornei-me repórter de guerra porque era professor na universidade e



tinha que fazer uma tese de doutoramento. Foi a razão pela qual comecei a trabalhar nisso. Depois percebi que precisava conhecer melhor o tema que eu estava a tratar. E, portanto, comecei a candidatar-me na RTP para cobrir guerras. Mas posso dizer que foi apenas por razões académicas que me especializei nesta área.

Em França é conhecido como “le roi du thriller bien informé”. O que tem a dizer sobre este título?

A questão é interessante. A minha ficção é uma ficção um pouco diferente da habitual. Quando se lê um livro meu, vemos uma história de ficção, mas aprende-se coisas sobre um determinado tema. Temos uma expressão em português chamada “passatempo”. Eu procuro que os meus livros sejam uma espécie de “ganha tempo”, isto é: você entretém-se a ler uma história, mas aprende coisas novas. Porque a verdadeira riqueza é o conhecimento. Os chineses têm uma frase que diz: “Quando vir um homem com fome, não lhe dê um peixe, ensine-o a pescar”. É o que eu procuro fazer nos meus livros, espalhar o conhecimento, fazer com que as pessoas vejam, pensem e reflitam sobre as coisas. Porque a maior barreira que temos é a nossa própria cabeça. É o nosso maior instrumento, mas também é a nossa maior barreira. Temos de ser capazes de nos questionarmos, de pôr

duvidas, e não apenas repetir o que os outros dizem, mas pensarmos por nós mesmos.

Nas suas obras costumamos encontrar as temáticas religiosas relacionadas com a ciência. Que razões o levam a fazê-lo?

Na verdade, não é a ciência com a religião, mas a política com a religião. E depois tem toda uma simbologia. Na democracia também existem os ideais: como o respeito à bandeira, o respeito ao Parlamento, entre outras. Trata-se também de uma sacralização, um sentimento religioso na democracia e não somente na ditadura. A ditadura também tem essas ideias, que são na verdade os dogmas - uma parte que não se pode questionar. E na política não é diferente. Há também esta questão dos dogmas, coisas que não se podem dizer. Já tive problemas com alguns Partidos políticos, com a igreja e com a religião muçulmana. O que faço, é perguntar-me sempre se é verdade ou mentira. Se é verdade, então tenho o direito de o dizer. Há pessoas que dizem que algumas verdades podem ser inconvenientes. Mas, para mim, como escritor, a minha primeira preocupação é dizer a realidade. Posso admitir não dizer a verdade em dois casos: quando alguém está prestes morrer, por exemplo. Vale a pena dizer a verdade neste caso? É algo questionável. Ou, em outro caso quando se vê uma rapariga feia na rua. Não vamos dizer isto.

Até porque não é uma verdade, mas uma opinião. Já na política e na ciência não há problema. Se existe um erro, deve-se corrigi-lo. As opiniões devem ser baseadas sempre em factos. E é o que eu faço nos meus livros.

De onde vem a sua inspiração?

A minha inspiração parte sempre de uma ideia, que geralmente acontece durante uma viagem. Quando viajo, vejo coisas diferentes, começo a pensar sobre o assunto, faço pesquisas e depois passo a ter novas ideias. E assim encontro bons materiais para escrever um livro. Às vezes, acabo por dar-me conta de que aquele tema não é interessante. Ou então, o que se sabe sobre aquilo, não tem nada de especial, porque toda a gente já sabe. Já me aconteceu várias vezes eu chegar à conclusão de que o interessante mesmo era outro tema ligado ao anterior. Por exemplo: o meu livro “A Fúria Divina” foi um projeto que nasceu quando eu estava no Paquistão. Passando por uma livraria, encontrei livros que falavam sobre o projeto nuclear paquistanês. Foi então que me questionei como é que um país tão falhado podia ter armas nucleares, uma vez que o próprio regime tem ligações com Al-Qaïda. E pensei que seria um bom tema para um livro. Comecei então a pesquisar e a estudar como tudo funcionava para poder construir a história e criar os personagens. E foi assim que me dei conta de que as ideias que eu e muitas outras pessoas tinham não eram, de facto, verdadeiras. O que significa que se eu não sabia, muita gente também não sabia. E que se eu tinha o interesse em aprender, muita gente também o teria.

José Rodrigues dos Santos conclui dizendo que escreve para ele próprio, mas que valoriza sobretudo o olhar do leitor, coisas que alguns escritores acabam por deixar de lado. “Na verdade, não se pode haver escritores, se não houver leitores” - declara o autor.

Entrevista realizada pelos alunos: Indye Zennaf, Mickaël Castaldi e Vinicius Nascimento Barros

• PUB

• PUB

FUNERÁRIAS FERNANDO ALVES



Uma casa funerária familiar com raízes fundas na comunidade

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

- 4 agências funerárias ao seu dispor em Paris e região parisiense
- Paris, Arredores, Província, estrangeiro
- Tratamento da documentação
- Facilidades de pagamento

Nós temos sido escolhidos por famílias que têm morado cá durante gerações - pessoas como você que têm vindo a conhecer e a confiar em nós ao longo dos anos. Os nossos funcionários tratam de si como se fossem familiares. Nós compreendemos a sua devoção à igreja católica e estamos prontos a ajudar na preparação de uma missa para celebrar a sua fé na vida eterna. As nossas raízes continuam aqui nesta comunidade e nós continuaremos a ser ... “a nossa família a tomar conta da sua”.

24 h / 24 h

Tel. : 01 46 36 39 31

Fax : 01 46 36 97 46

Port. : 06 07 78 72 78

www.alvesefg.com

alves7@wanadoo.fr

18, rue Belgrand - 75020 Paris
(Métro Gambetta - sortie Porte de Bagnolet)
(Face Hôpital Tenon)

Música, Actualidade, Cultura, Desporto, Agenda cultural

Voz de Portugal

Tous les dimanches 11h>13h
Todos os domingos RBS 91,9 FM
radiorbs.com

• PUB

IYÁ LILA DE YEMANJA

Iyá Lila Mãe de Santo de candomblé (Bahia). Bisneta de Mãe Mininha do Gantois.

Mãe Lila tem vindo a ajudar muita gente a encontrar as soluções para os problemas.

Iyá Lila de Yemanja trabalha com búzios, tarot, trabalhos espirituais, abertura de caminhos, trabalhos amorosos no caminho de Maria Padilha, limpezas espirituais, sorte, dinheiro, saúde, bori, feituas, obrigações.

Médium vidente, contém o dom da revelação e resolve o seu problema para conseguir engravidar.

Telf.: 07.52.38.53.21



➔ Une équipe à réaction

Les Lusitanos de Saint Maur confirment leur permanence en National 2

Par Eric Mendes

US Lusitanos de Saint Maur 3-3 CS Sedan-Ardenne

Mi-temps: 0-1

Public: 224 spectateurs

Arbitre: M. Bonnetin

US Lusitanos: Anastase; Diyangi (Leonel, 35 min), Gaxotte, Viegas, Bituruna; Monteiro, Nascimento (Cap.) (Ribadeira, 72 min), Saki; Kiskey, Ramos, Diaz (Meunier, 72 min). Entraîneur: Luís Loureiro

CS Sedan-Ardenne: Maraval (Cap.); Nyemeck, De Taddeo, Thiam, Sagun; Fadhloun, Borgniet; Grain, Daury (Simothé, 58 min), Chadili (Diedhiou, 66 min); Bila (Reihle, 90 min). Entraîneur: Nicolas Usaï

Buts: US Lusitanos: Saki (46 min), Leonel (79 min), Ramos (90+3 min); Sedan: Bila (24 et 65 min), De Taddeo (51 min)

Avertissements: Lusitanos: Kiskey (45+1 min), Saki (50 min), Diaz (55 min), Viegas (60 min); Sedan: Grain (60 min)



Lusitanos de Saint Maur / EM

faire de ce Saint Maur-Sedan, un match à part dans la saison. Dès les premières minutes, le ton est donné et les deux équipes cherchent à mettre du rythme. Seulement Sedan est la première équipe à se montrer dangereuse. Dominant petit à petit les débats. Ouvrant même logiquement le score par l'intermédiaire de son buteur Abdoul Bila à la 24ème minute. En manque d'inspiration, les Lusitanos se laissent endormir par le rythme imposé par leur adversaire de la 25ème journée de National 2. Retrouvant les vestiaires la tête basse.

Ramos sur le gong

Mais dès le retour de la pause, les Saint-mauriens reviennent à la marque. Sur une belle action collective, Leonel Alves et Jony Ramos combinent à merveille pour lancer idéalement Joël Saki qui place une frappe imparable sous le ventre du portier sedanais (1-1, 46 min). Son premier but depuis son retour cet hiver. Mais la joie allait être de courte durée. Sur un cafouillage dans la surface, Maxime De Taddeo ajuste Reve-

lino Anastase (1-2, 51 min) avant d'être imité de nouveau quelques instants plus tard par Abdoul Bila - toujours lui - le meilleur buteur du Groupe C avec 14 réalisations (1-3, 65 min). Mais aux Lusitanos, on n'a pas pour habitude de baisser les bras. A l'entame des 10 dernières minutes, Leonel Alves enchaînera à merveille à l'entrée de la surface pour placer le ballon hors de portée de Maraval (2-3, 79 min). Et au regard des occasions lusitaniennes, il n'aurait pas été mérité de voir les Saint-mauriens repartir avec la défaite. Et sur un dernier coup de pied arrêté d'Alves, Ramos, qui avait déjà manqué de réussites à plusieurs reprises, conclura une rencontre de folie. «On a connu une première mi-temps médiocre», reconnaissait Luís Loureiro à l'issue de la rencontre. «On a permis trop de possession de balle, laissant beaucoup d'espace, sans une réelle agressivité, sans occasion... On est retourné logiquement avec un score de 1-0 à la pause. Ensuite, on a rectifié quelques choses et on a clairement montré un autre visage». Selon le coach des Lusitanos, «on a

été supérieur en deuxième période. On a commis des erreurs qui se payent cash. Cela ne nous a pas empêché de revenir à la marque. Mais on a montré un véritable esprit de vainqueur. On n'a rien lâché face à une belle équipe qui n'est pas leader par hasard. On a manqué quelques occasions qui auraient pu faire basculer le score en notre faveur. Maintenant, on ne va pas se comparer à Sedan qui a réussi à être plus régulier que nous sur ce Championnat. On va prendre les matchs les uns après les autres avec l'ambition de faire honneur aux maillots des Lusitanos». C'est désormais une certitude, les Lusitanos sont mathématiquement assurés de participer au Championnat de National 2 l'an prochain. Pour la montée, avec 39 points et à 10 points du leader, Sainte Geneviève, à cinq journées de la fin, difficile de croire que la montée reste possible. Dorénavant les Lusitanos peuvent encore atteindre les 54 points de la saison passée. A condition de finir la saison en beauté avec 5 victoires en 5 matchs!!!



Confier, acreditar, saber

Quem eram os discípulos? Pessoas crédulas e ingênuas? Idealistas ou sonhadoras? Pessoas fragilizadas pelo sofrimento que se deixaram enredar numa alucinação coletiva? O Evangelho do próximo domingo apresenta uma outra versão e dá bastante relevo às dificuldades que todos tiveram em aceitar a ressurreição de Cristo: «**Es-pantados e cheios de medo, julgavam ver um espírito (...)** Eles, na sua alegria e admiração, não queriam ainda acreditar». Os apóstolos não são ingênuos e não se contentam com notícias em segunda mão. Precisam de "ver para crer" (como Tomé no Domingo passado) e mesmo quando vêem, não deixam de ser um grupo desconfiado, crítico e exigente. A ressurreição permanece um dado de fé e nem mesmo as aparições de Cristo ressuscitado conseguem garantir certezas cientificamente comprovadas. O encontro com Jesus vivo só é possível através um longo caminho espiritual e as dúvidas e hesitações que experimentamos na nossa vida não são elementos incômodos e inúteis, mas sim, partes essenciais do percurso que leva a uma fé madura. Mesmo uma "crise de fé" não é (forçosamente) uma coisa má! "Crise" é uma palavra de origem grega que significa "separar" ou "escolher". Uma crise obriga-nos a tomar decisões! E ajuda-nos a reformular, repensar e, eventualmente, purificar a nossa fé! Tal como dois namorados não conseguem encontrar a prova matemática de serem feitos um para o outro, também a ressurreição nunca será uma certeza científica. Porém, alguns esposos, depois de um longo caminho juntos, conseguem dizer, sem medo e sem dúvidas: «Confiámos, acreditámos e hoje sabemos». Com a Fé acontece o mesmo.

P. Carlos Caetano
padrecarloscaetano.blogspot.com



Sugestão de missa em português:

Centre paroissial Jean XXIII
9 rue Rabelais
94430 Chennevières-sur-Marne
Domingo às 9h00

● PUB

Livra-vos do mal que vos fizeram

Dona Isabel

Pura Vidente Portuguesa - 35 anos de experiência
DONS HEREDITÁRIOS
Trata vários casos: Bruxaria, Inveja, Blocagem, ajuda na saúde, amor etc.
EU TENHO O DOM DE DESTRUIR O MAL QUE LHE FIZERAM

Dona Isabel faz rezas na sua presença contra a magia negra e problemas pessoais

RESPONDE PESSOALMENTE A TODOS OS PEDIDOS

PARIS 17, proche Gare St-Lazare (M° Gare St Lazare)
VIRY-CHATILLON (91) 148, av. Général de Gaulle N. 7 (09h/20h)
01 69 05 35 27 ou 06 65 44 29 07

● PUB

VENTE MURS
LOCAL COMMERCIAL LIBRE DE FONDS
à Evry Essonne (Vieux Village)

35 m2 au Centre Commercial du Parc de Petit Bourg (dont 10m2 pour réserve/cabine/bureau) + WC/lave-mains, entièrement renovés (dont rideau de fer neuf). Normes, Accessibilité.

Prix de vente: 50.000 Euros
Prix de location (location possible): 500 Euros/mois

Petit centre commercial de plain-pied sur parking, proche RER, composé de tous commerces: pharmacie, bar/tabac, fleuriste, boucherie, épicerie, boulangerie, coiffeurs, esthéticienne... Ce Centre commercial se trouve situé à la croisée de deux populations: l'une issue de l'immigration, l'autre d'une zone pavillonnaire classe moyenne.

Sa dynamisation pourrait bénéficier de l'apport d'un commerce spécialisé dans les produits de bouche portugais ou commerce en informatique.

Contact direct propriétaire: 03.86.65.92.73

PORTUGAL

18 | 19 | 20 MAI

7^e EDITION

ENTRÉE GRATUITE

PARIS PORTE DE VERSAILLES

SALON DE L'IMMOBILIER ET DU TOURISME

INVESTISSEMENT 

RETRAITE 

TOURISME 

GASTRONOMIE 

INNOVATION 



INSCRIPTIONS EXPOSANTS ET VISITEURS : sipp.ccifp.fr

© Fotolia

L'autreagence